O PATOLÓGICO

45 ANOS CAAL

CENTRO ACADÊMICO ADOLFO LUTZ - MEDICINA UNICAMP - ANO MMVIII - ED. I

A polêmica calourada de 2008

Espuma, discussões sobre o trote e batas azuis marcaram a recepção da 46ª turma da Medicina Unicamp

"O importante não é justificar o erro, mas impedir que ele se repita"

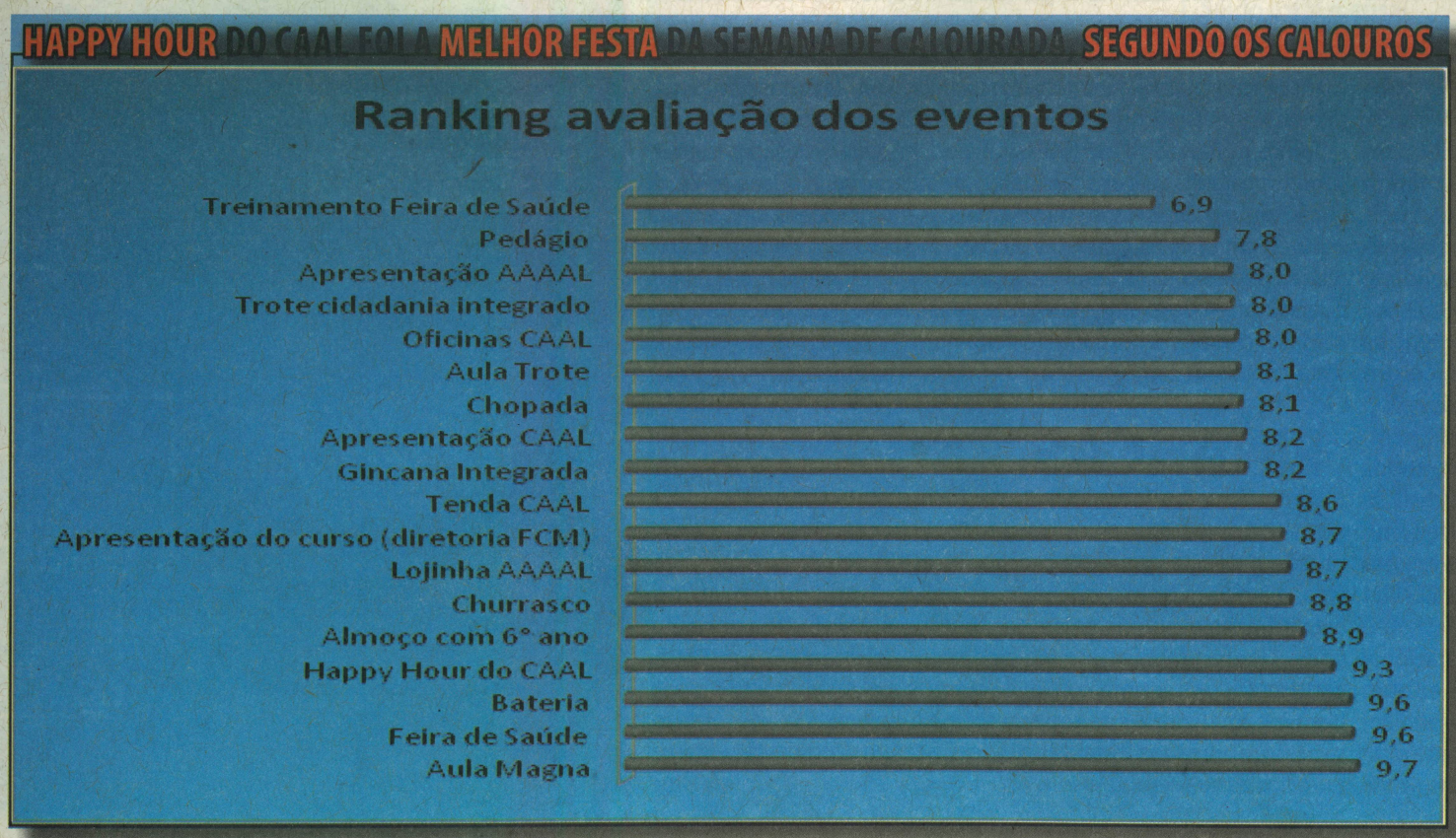
Na Calourada de 2007, aconteceu uma reclamação de trote para a Comissão de Ensino e Graduação da FCM. A partir daí, a Diretoria e a CEG começaram a conversar com todas as turmas da faculdade para saber o que acontecera e o que poderia ser feito para evitar novos problemas neste ano. Além disso, o apoio a eventos do CAAL e da AAAAL foi suspenso e os 5° e 6° anos correram o risco de não ter dispensa para competir na Intermed.

Diante desses fatos, foi criada uma comissão com representantes de todas as seis turmas, do CAAL, da AAAAL, da CEG e da Diretoria da FCM para reestruturação da Semana de Calourada. A partir dessas discussões, formulou-se o projeto da Calourada de 2008 que visa coibir a violência na recepção aos calouros para evitar fatos desagradáveis como o do ano passado.

O CAAL e a Comissão de Calourada levaram em consideração esse projeto para organizar a semana de recepção aos calouros.

» leia mais, **P.6**

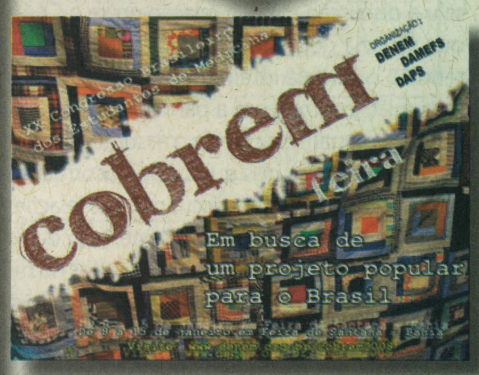
HAPPY HOUR DO CAAL FOI A MELHOR FESTA DA SEMANA DE CALOURADA SEGUNDO OS CALOUROS



TROTE: A HIERARQUIA DA VIOLÊNCIA

Gines Villarinho

p. 7



O COBREM 2008

Avaliação do encontro de planejamento da DENEM pela gestão 2008 do CAAL

O COBREM (Congresso Brasileiro dos Estudantes de Medicina) é o espaço em que a DENEM (Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina) faz o seu planejamento anual. Um momento em que estudantes de medicina param durante oito dias para pensar sobre a postura e as ações que a DENEM deve tomar durante o ano.

» leia mais, **P. 10**

Cultura

Confira as análises do novo filme de Michael Moore "Sicko", por Alessandra Fiuza, o clássico sobre o gênio Mozart, "Amadeus", por Fernando Henrique e o primeiríssimo disco da banda "Black Sabbath", por Francisco Barucco.

» leia mais, **P. 11 e 12**

Dengue: incompetência e demagogia

O mosquito "Aedes aegypti", diz a mídia, causa as mortes por dengue no Rio.Mas não é o mosquito que mata. É a política.

Por Paulo Carpel Navai

» leia mais, **P. 4**

REPASSES DA GESTÃO

GERAIS

Desde a posse da gestão até a publicação desse Pato, sem duvida aconteceram muitas coisas. A primeira delas foi a própria posse da gestão, que trazia propostas novas para a calourada e para a organização interna do CAAL. Logo em seguida, como é de praxe todos os anos, o que mais consumiu esforços foi a organização da semana de calourada, que havia sido reestruturada tanto pela vigência de um projeto elaborado pela Diretoria da FCM em conjunto com representantes de turmas, como pela necessidade de se promover uma convivência mais harmônica entre os estudantes. Depois de muita polemica, a Semana do Calouro foi bastante elogiada e, para aqueles que temiam que as novas regras fossem afastar calouros de veteranos, ficou claro que a integração ocorreu tal qual nos anos anteriores. Em meio a organização da calourada, ocorreu o COBREM, que contou com a participação de diversos estudantes de nossa faculdade (e cujo repasse está nessa mesma edição do Pato). Realizamos, depois de muito postergar, o nosso planejamento (que ainda possui alguns eventos sem data definida), que ajuda na definição de prazos e evita coincidência de datas entre os próprios eventos do CAAL e com os eventos de outras instituições. Do próprio planejamento, saiu a discussão sobre a relação entre o CAAL e a DENEM, que se fazia necessária há muito tempo e que teve uma reunião ordinária inteiramente dedicada a esse assunto (a reunião contou com a participação de um membro de nossa Regional). Apesar de o assunto precisar de debates bem mais amplos dos que os que ocorreram até agora, já foi um passo inicial para discutir nossas relações com aquela entidade. Outro ponto importante, sem duvida, são os 45 anos do CAAL, que serão comemorados no mês de maio, e várias coisas tem sido planejadas: festa, livro de memórias, participação das gestões antigas, agasalho comemorativo. Este último, como não poderia deixar de ser citado, foi pauta única da reunião ordinária com o maior número de pessoas presentes da história de nosso Centro Acadêmico. Muitas outras coisas estão acontecendo no CAAL nesse exato momento: organização do COMAU/CASU, aproximação com as ligas acadêmicas, formulação do novo site do CAAL, organização de estágios nacionais, participação em encontros estudantis, organização de festas, contato com os representantes de turmas, entre outras várias atividades que a gestão tem realizado para o bem comum dos estudantes de medicina de nossa faculdade. E por fim, cabe a nós também informar que alguns membros do CAAL se retiraram da gestão, cada um com seus motivos particulares. São eles: Aline Branco, Bruna Perrella, Carlos Magno, Daniel Astun, Danilo da Silva, Angela Cassol e Marcelo Scarpari. A gestão "O Pulso Ainda Pulsa" está trabalhando bastante e conta com a ajuda de todos os alunos para que os interesses e opiniões dos estudantes sejam respeitados. As reuniões ordinárias ocorrem todas as segundas-feiras às 12:15h na lego e todos estão convidados a participar.

EXTERNAS

COBREM (**CONGRESSO** Brasileiro dos Estudantes de Medicina) – Feira de Santana - Janeiro de 2008. Planejamento da DENEM (Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina) para o ano de 2008, discussão e deliberação sobre temas como exame do CREMESP, SUS, educação médica, responsabilidade social e sobre os encontros para o ano.

REUNIÃO DA REGIONAL SUL 2 São Paulo – março de 2008 É um espaço para os centros acadêmicos da Regional Sul 2 (São Paulo e Paraná), que adapta o planejamento feito no COBREM para as demandas da Regional. Na última reunião, foram discutidos três eixos: educação médica; extensão universitária; reforma sanitária e discussão sobre o SUS e Universidade (educação pública de qualidade e para todos).

Os coordenadores da Regional visitam os centros acadêmicos, conhecem as demandas do CA (Centro Acadêmico) e constroem espaços de formação.

ROEX (**REUNIÃO** dos órgãos Executivos da DENEM) – Vitória – março de 2008 É uma reunião para todos os Centros Acadêmicos de Medicina do Brasil, lá discutimos como vai andar o planejamento feito no COBREM, foram feitas discussões sobre o Movimento Estudantil de Medicina, foi decidido como a DENEM vai agir frente ao exame de ordem do CREMESP, sobre a programação do COBEM*, sobre o conselho nacional de saúde, sobre a caravana de saúde da UNE e sobre intercâmbios. Também estamos tentando comunicação com o DCE, mas não temos nada de relevante para essa edição. Quem quiser saber mais mande e-mail para: externascaal@yahoo.com.br, ou fale com o Gines e com a Isa da XLV, Paçoca XLIV ou com a Dani da XLIII.

VOCÊ SABIA? O COBEM(Congresso brasileiro de Educação Médica) vai acontecer de 18 a 21 de outubro em Salvador e terá como pontos o exame do CREMESP e a violência nas universidades (trote).

CIENTÍFICO

PRÉ-COMAU **CONTATOS** com Departamento de Dermatologia

COMAU **PROCESSO** de construção: Comissão CoMAU

DESLIGAMENTO **DE** 4 membros: Apache 44, Ângela 44,Bruna de Paula e Maidane, sendo a última remanejada para o apoio.

APRESENTAÇÃO DAS ligas: 01 e 02 de abril

REUNIÃO **COM** os Coordenadores das Ligas da

CULTURA

Na semana seguinte à Páscoa, a Coordenadoria de Cultura do CAAL realizou seu primeiro evento do ano, o PasCAAL. Fizemos uma confraternização com a temática da Páscoa na Casa de Repouso Bom Pastor, em Barão Geraldo, onde ficam hospedados pacientes que estão em tratamento oncológico em hospitais de Campinas, mas não podem voltar para suas cidades diariamente nem têm condições financeiras para custear estadas em hotéis. A festa contou com comidinhas, coelhinhos de chocolate e, mais que isso, conversas muito enriquecedoras! Participaram os membros da coordenadoria e alguns alunos da 46 e da 45, e todos fomos recebidos com muito carinho. Pudemos conhecer, aprender, trocar experiências e ouvir as histórias de vida daqueles que um dia poderão ser nossos pacientes, em um ambiente de muita harmonia e cumplicidade.

Ainda neste semestre promoveremos outros eventos, como CineCAAL e o Mês da Cultura! Fiquem atentos à programação e participem!

ENSINO

A Coordenadoria de Ensino anda atarefada: fizemos o planejamento do ano, junto às outras coordenadorias, organizamos a eleição de representantes discentes para a Câmara de Graduação, a Biblioteca e os Departamentos de Clínica Médica e Medicina Preventiva e Social, estamos acompanhando os representantes de módulo e participando de eventos sobre a Educação Médica, como o que ocorreu em São Paulo, o Simpósio "O Futuro das Escolas Médicas no Brasil" e, além disso, estamos na organização de um Seminário sobre Ensino e Avaliação Médica.

SOCIAL

E ae galera! O Social, além de divertir os calouros com seu jingle nas oficinas do CAAL (hehe), também organizou o Happy Hour da Calourada, que rolou no Rudá com MPB ao vivo, bebida e muitas porções gostosas. Lá, calouros e veteranos puderam sentar numa mesa de bar, conversar e se conhecer, em meio à correria da semana de recepção. Esperamos que todos tenham gostado! Em breve teremos mais Happy Hours tradicionais, na sede social, e a Festa de 45 anos do CAAL, aguardem!

PATRIMÔNIO

No pouco tempo de trabalho já ficou claro que manter a sede em ordem não é tão fácil: muita gente circula por lá e tem muita coisa no "puxadinho". Por isso gostaria de pedir a ajuda de quem usa nosso espaço pra avisar quando perceber que alguma coisa precisa de manutenção ou está quebrada e se perceber que as coisas podiam ser diferentes, mais adequadas ou melhor dispostas segundo o uso.

Temos muitas coisas no CAAL que podiam ser mais usadas (podem ser emprestadas): alguns aventais - pros dias que esquecerem o de vocês, alguns livros - não muito atuais e alguns vídeos, que podem ser úteis em oficinas, pras ligas ou pra uso pessoal. (Aliás, logo, logo, a relação desses itens estará no novo site do CAAL). E temos muitas coisas que sobraram de eventos antigos e que ficam lá "estocadas". Estamos pra fazer outro brechó, como foi feito num "Happy Hour" do ano passado, com essas camisetas (em sua maioria), pastas...

FINANÇAS

Os balancetes foram feitos da forma mais simples possível para todos poderem entender facilmente. Separei-o em 2 partes: a dos gastos fixos, mas variáveis (o de sempre ou quase isso) e a dos eventos, que varia muito ao longo do ano. Muitos estranharão algumas coisinhas, então, já vai algumas explicações. Tivemos um aumento nos recursos mensais, pois uma cantina foi reabertura e com isso, após alguns anos de defasagem, normalizamos os repasses.Algumas entradas de eventos são contabilizadas bem depois de eles terem ocorrido, são algumas burocracias da Faepex.

A gestão 2008

Alessandra
Ana Carolina
Augusto
Bárbara (Curry)
Caroline
Daniel (Paçoca)
Diego (Pintinho)
Eliane
Fábio (Fabitos)
Fabrício (Bambu)
Fernanda (Blumenau)
Fernando (Chuck Noris)
Flávia
Flávio (Rosa)
Gabriela (Gabi Nero)
Gines
Henrique (Abre Alas)
Isabella (Isa)
Jéssica
José (Zé Goiaba)
José Hélio (Zen)
Josué
Juliana (Ju Boo)
Juliana Oquendo
Jung
Larissa Ono
Larissa Vieira
Luara
Lucas (Carga)
Lucas (Trigo)
Luciana (Lucy Liu)
Luiz (Aluísio)
Marcela (Espeto)
Marianne (Nanne)
Marília
Mário
Melina
Miquelline
Mônica
Paula
Paulo Alexandre
Renata
Sandra (Sandrinha)
Silvia
Stênio (Tung)
Taciana
Tatiana
Thais
Ximênia
Yuri

Editorial

O PATOLÓGICO de abril mostra que é possível renovar, mantendo a tradição do periódico da Med Unicamp que existe há mais de 4 décadas.

Com um novo layout, novas sessões, a volta de algumas, trazemos até você o primeiro PATO do ano. O tema de praxe é a calourada de 2008, que conta com textos e tabelas dos mais variados tipos, bem como entrevistas com os novos estudantes da nossa faculdade.

Repasses dos membros da Gestão ficaram bem concisos e diretos, as tradicionais cruzadinhas mudaram para o Sudoku e algumas sessões novas foram criadas. Destaque para a volta da sessão "Spasmo" e a nova"Saiu na mídia", além das análises de discos e filmes por estudantes da Med Unicamp.

Enfim, esperamos que vocês gostem da edição e contamos com o envio de textos para os próximos patos, através do e-mail imprensacaal@yahoo.com.br.

Tiragem: 1200 exemplares

Imprensa CAAL 2008
Melina Pazian Martins
Juliana de Pádua Kague
Henrique Sater de Andrade
Jung Hyun Yoon
Gabriela Nero Mitsuushi
Marcela Ferro Agulhão
Fernando Ometto Zorzenoni

Finanças

Alessandra(XLIV)

Novembro 2007

O de sempre ou quase isso	
Despesa com Funcionários Contratados	-R$ 4.520,40
Serviços Mensais	-R$ 439,07
Recursos Mensais	R$ 8.122,20
Manutenção Patrimonial	-R$ 285,00
Tarifas Bancárias	-R$ 113,18
Materiais	-R$ 10,30
Poupança	-R$ 380,00
Saldo parcial	R$ 2.374,25
Eventos	
Camisetas Posse	-R$ 686,00
Entrada 65 camisetas (até10/04)	R$ 650,00
Choppada de Posse	-R$ 720,40
OctoberMED	-R$ 2.340,00
CASU	R$ 319,00
Gastos intercâmbio	-R$ 6,15
Painel para faixas HC	-R$ 470,00
Saldo parcial	-R$ 3.253,55
Saldo total mensal	-R$ 879,30

Dezembro 2007

O de sempre ou quase isso	
Despesa com Funcionários Contratados	-R$ 6.095,89
Serviços Mensais	-R$ 1.009,70
Recursos Mensais	R$ 7.354,72
Manutenção Patrimonial	-R$ 1.538,00
Tarifas Bancárias	-R$ 116,11
Materiais	-R$ 4,20
Poupança	-R$ 380,00
Saldo parcial	-R$ 1.789,18
Eventos	
Financiamento CASU	R$ 3.000,00
Reembolso palestrante CASU	-R$ 35,00
Camisetas Posse	R$ 30,00
Financiamento COBREM - reitoria	R$ 3.648,00
Participação no COBREM	-R$ 1.561,42
Participação no FEV - Augusto	-R$ 70,00
Apoio no dia da Prova de Residência	-R$ 178,20
Homenagem do CAAL na Formatura	-R$ 85,00
Saldo parcial	R$ 4.748,38
Saldo total mensal	R$ 2.959,20

Janeiro 2008

O de sempre ou quase isso	
Despesa com Funcionários Contratados	-R$ 3.239,03
Serviços Mensais	-R$ 552,83
Recursos Mensais	R$ 7.907,55
Manutenção Patrimonial	-R$ 159,00
Tarifas Bancárias	-R$ 69,90
Poupança	-R$ 380,00
Saldo parcial	R$ 3.506,79
Eventos	
Transporte dos participantes COBREM	-R$ 1.042,68
Financiamento Cobrem - FCM	R$ 960,00
Reembolso CASU - FCM	R$ 161,06
Saldo parcial	R$ 78,38
Saldo total mensal	R$ 3.585,17

Fevereiro 2008

O de sempre ou quase isso	
Despesa com Funcionários Contratados	-R$ 4.421,73
Serviços Mensais	-R$ 1.091,76
Recursos Mensais	R$ 6.954,72
Tarifas Bancárias	-R$ 69,90
Materiais	-R$ 10,30
Poupança	--R$ 380,00
Saldo parcial	R$ 991,33
Eventos	
Camisetas CAAL	-R$ 1.043,00
Entrada 52 camisetas (até10/04)	R$ 780,00
Divulgação HappyHour Calourada	-R$ 65,00
Recepção dos Calouros	-R$ 435,90
Saldo parcial	-R$ 763,90
Saldo total mensal	R$ 227,43

Março 2008

O de sempre ou quase isso	
Despesa com Funcionários Contratados	-R$ 2.093,45
Serviços Mensais	-R$ 2.180,65
Recursos Mensais	R$ 7.354,72
Tarifas Bancárias	-R$ 70,25
Poupança	-R$ 380,00
Saldo parcial	R$ 2.630,37
Eventos	
Financiamento ônibus DCE	R$ 3.000,00
Participação ECEV	-R$ 35,00
Happy Hour Rudá	R$ 30,00
Reembolsos COBEM 2007	R$ 3.648,00
Financiamento ROEX	-R$ 1.561,42
Participação ROEX VITÓRIA	-R$ 70,00
Saldo parcial	-R$ 1.327,90
Saldo total mensal	R$ 1.302,47

Apresentando a DENEM

Emerson Rafael Lopes
Bruno Ferreira Funchal
Pamela Alves Barbosa
(coordenadores regional Sul 2 DENEM)

A Direção Executiva Nacional Dos Estudantes de Medicina (DENEM) é o órgão máximo de representação dos estudantes de medicina e congrega os centros e diretórios acadêmicos de todas as Faculdades de Medicina (públicas e privadas) do Brasil. A DENEM defende as demandas dos estudantes de medicina do país. Trabalha pela melhoria da qualidade da educação médica e pela formação de profissionais mais compromissados com as reais necessidades da população, pela defesa do SUS, das universidades como instituições, realmente, pautadas no Ensino, Pesquisa e Extensão, e pela defesa da Saúde em seu conceito mais amplo, com suas interfaces com o meio ambiente, a cultura popular e a educação, primando pela independência em relação a movimentos de cunho estritamente partidário, o que a transforma em um Movimento em Defesa da Vida.

Há dezessete anos, durante o XVII Encontro Científico dos Estudantes de Medicina (ECEM), em Fortaleza-CE, os estudantes reunidos decidiram criar uma entidade que representasse todos os acadêmicos de medicina do Brasil. A DENEM nascia em um momento de crescente avanço das Reformas Sanitárias que culminaram em 1986, durante VIII Conferência Nacional de Saúde, com a construção do SUS (Sistema Único de Saúde), com princípios básicos de equidade, universalidade e integralidade.

Sem dúvida, a DENEM vem conseguindo ampliar a sua representatividade junto aos estudantes de medicina que, através da construção coletiva e democrática de projetos contribuem para que, a cada ano, o Movimento Estudantil de Medicina ocupe seu lugar de destaque na história brasileira.

Princípios: A Defesa da Vida; O ensino público, gratuito e de qualidade e de acesso universal; O ensino médico voltado às reais necessidades da população brasileira; A Defesa do Sistema Único de Saúde enquanto um sistema público de saúde, gratuito e de qualidade.

Finalidades: Representar o conjunto de estudantes de medicina do Brasil em todos os âmbitos; Coordenar a organização dos encontros do movimento estudantil de medicina; Coordenar a execução de planejamento elaborado e aprovado no Congresso Brasileiro dos Estudantes de Medicina (COBREM); Coordenar campanhas de esfera nacional direcionadas ao conjunto dos estudantes de medicina do Brasil; Defender a vida em todas as frentes, principalmente no âmbito da Saúde; Fornecer subsídios e apoio às iniciativas de movimentos locais que busquem a melhoria da qualidade do ensino médico.

A DENEM se organiza em três esferas: Coordenações Locais, Coordenação Nacional e Coordenações de Área.

As Coordenações Locais são os centros e diretórios acadêmicos das escolas médicas do País. Organizam-se em regionais, segundo suas realidades, sendo: Regional Norte (Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Pará, Roraima e Rondônia), Regional Nordeste 1 (Alagoas, Bahia e Sergipe), Regional Nordeste 2 (Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte), Regional Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Tocantins), Regional Sudeste 1 (Espírito Santo e Rio de Janeiro), Regional Sudeste 2 (Minas Gerais), Regional Sul 1 (Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e Regional Sul 2 (Paraná e São Paulo).

A Coordenação Nacional é formada pela Sede Administrativa (Coordenação Geral, Coordenação de Comunicação e Coordenação de Finanças), Coordenações Regionais (listadas acima) e Coordenação de Relações Internacionais.

Além disso, há o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação e Saúde (CENEPES) que é um órgão ligado às Coordenações de Área (Coordenação Científica, Coordenação de Cultura, Coordenação de Educação e Saúde, Coordenação de Extensão Universitária, Coordenação de Políticas Educacionais e Coordenação de Políticas de Saúde). O CENEPES realiza estudos e pesquisas nessas áreas, além de produzir materiais de capacitação para as Coordenações Locais.

Para ler o texto na íntegra, acesse www.caalunicamp.com.br

SAIU NA MÍDIA

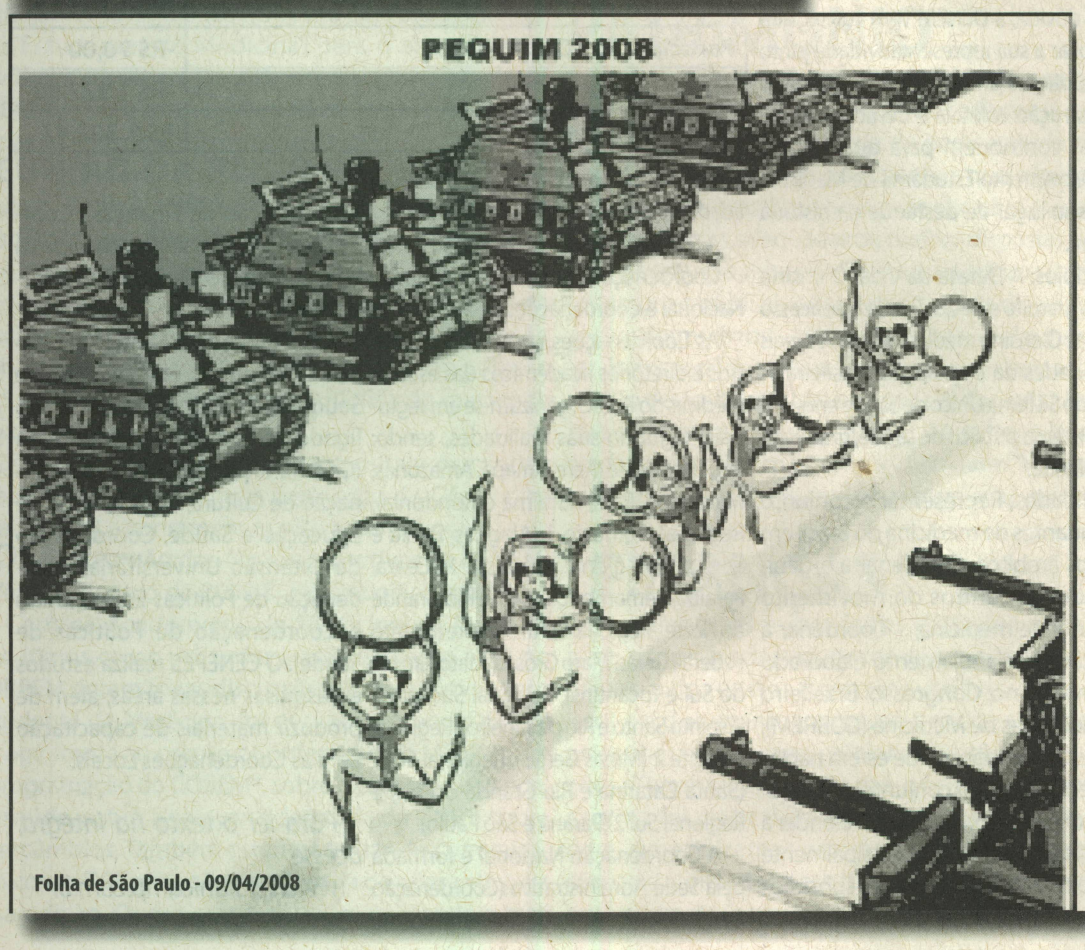
Dengue: incompetência e demagogia

O mosquito "Aedes aegypti", diz a mídia, causa as mortes por dengue no Rio. Mas não é o mosquito que mata. É a política

Paulo Capel Narvai (Folha de S'ão Paulo - 07 /04 /2008)

O MOSQUITO Aedes aegypti, diz a mídia, causa as mortes por dengue no Rio de Janeiro. Apenas os "idiotas da objetividade" acreditam nisso, diria Nelson Rodrigues. Não é o mosquito que mata, mas a política. No cenário carioca, a política de saúde é vítima da incompetência e da demagogia. Ingênuos ou mal-informados estão aceitando a tese da perda de controle sanitário da dengue por incompetência de "todos os governos". A tese pode ser simpática, parecer justa, razoável, mas é equivocada. E injusta, sobretudo com o ministro da Saúde. A suposta igualdade de responsabilidades não resiste aos fatos nem ao ordenamento institucional, pois são completamente distintas as atribuições dos governos federal, estadual e municipal. Não só no Rio, mas em todo o país. Tem sido assim desde a regulamentação, em 1990, dos artigos que criaram o SUS (Sistema Único de Saúde), na Constituição de 1988. Desde então, cabe aos municípios "comandar o SUS" no seu território, estendendo-se tal comando também aos órgãos de saúde estaduais, federais e às entidades particulares. Para que o comando municipal do SUS não fira a autonomia dos entes federativos, o sistema conta com órgãos colegiados de gestão nos quais estão representadas as três esferas de governo. Cabe, pois, aos municípios exercer esse comando. É o que vem acontecendo em milhares de municípios onde o SUS não só não está falido como tem prestado relevantes serviços. A um custo, vale assinalar, de cerca de R$ 1/dia/habitante. Nos EUA, apenas para comparar, o sistema de saúde custou em 2006, segundo o "New York Times" (8/1/08), R$ 34,5/dia/habitante. Nos últimos anos, além de realizar mais de 2 milhões de partos e 12 mil transplantes, o SUS evitou uma devastadora epidemia de cólera, eliminou a poliomIelite e controlou o sarampo. Com tão poucos recursos, sobrevive graças aos baixos salários dos trabalhadores do setor e, paradoxalmente, à sua enorme dedicação. Ao contrário do resto do Brasil, no Rio tem imperado a tese de que as instituições de saúde não se misturam e cada um cuida só do que é seu. Prevalece ali um ambiente de verdadeiro separatismo sanitário que está na raiz dos problemas que a cidade vem enfrentando nos últimos anos. O líder separatista é o prefeito carioca. Com a cabeça na institucionalidade sanitária do século passado, Cesar Maia ignora completamente o SUS como uma política de Estado, que requer ações articuladas das três esferas de governo, e não deste ou daquele governo, deste ou daquele partido. Sua visão parece não alcançar além "dos hospitais municipais". Quem analisa o discurso sobre saúde do alcaide do Rio percebe que ele nada diz sobre o SUS e seus desafios na cidade. Ocupa-se, em geral lamuriento, dos "hospitais municipais", que distingue e separa dos "hospitais federais". Não é correto e não é justo, neste momento, pretender compartilhar iguais responsabilidades com outras esferas de governo. Qualquer criança bem informada sabe que, no caso da dengue, para a qual não há vacina nem medicamento específico para a cura, as ações de controle do mosquito são essenciais no enfrentamento da epidemia. E ninguém ignora que, no sistema de distribuição de responsabilidades do SUS, realizar essas ações cabe ao município. Não se deve tergiversar sobre isso com frases de efeito tais como "o mosquito não é nem federal, nem estadual, nem municipal". Funciona como gracejo, mas não explica nada. Além das mortes, dois aspectos preocupam nos acontecimentos do verão carioca. Primeiro: a atitude do prefeito é emblemática do modo como muitas autoridades públicas olham para a saúde: querem sempre tirar vantagens eleitorais e se livrar dos problemas ao primeiro sinal de dificuldade. Segundo: o apelo à hospitalização e aos especialistas, plenamente justificado dado o descontrole da epidemia, lamentavelmente reforça, até no plano simbólico, uma distorção do SUS. Em vez de investir a maior parte do orçamento nas ações primárias de saúde, os recursos do sistema seguem sendo drenados para os hospitais, que ficam com mais de 80% do dinheiro da saúde pública. E, vale assinalar, mais de dois terços dos leitos hospitalares no Brasil pertencem a organizações privadas. Neste 7 de abril, Dia Mundial da Saúde, muitas famílias brasileiras choram seus mortos, vítimas de um mosquito. De um mosquito? Não: vítimas de políticas públicas, incompetência e demagogia. PAULO CAPEL NARVAI , 53, doutor em saúde pública, é professor associado da Faculdade de Saúde Pública da USP. Coordena o programa de pós-graduação em saúde pública da USP e representa a universidade no Conselho Municipal de Saúde de São Paulo.

PAULO CAPEL NARVAI , 53, doutor em saúde pública, é professor associado da Faculdade de Saúde Pública da USP. Coordena o programa de pós-graduação em saúde pública da USP e representa a universidade no Conselho Municipal de Saúde de São Paulo.



Folha de São Paulo - 09/04/2008

www.blogdokayzer.blogspot.com

Educação médica e seus métodos de avaliação

Josué (XLV)

No ano em que a primeira escola de medicina do Brasil completa 200 anos somos levados a pensar na evolução da educação médica em nosso país. Com a fundação da Faculdade de Medicina da Bahia e um ano depois da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro passamos do estágio de um ensino informal ministrado por boticários e cirurgiões-barbeiros para uma medicina teórica segundo o modelo francês de prática médica.

No final do século XIX e início do século XX surge nos Estados Unidos e Canadá a necessidade de avaliar as condições de ensino da medicina. Um relatório realizado pelo educador Flexner em 1910 constata a precariedade do ensino nesses países e leva ao fechamento de várias escolas. Esse relatório teve como propostas a ampliação do ensino básico, clínico e prático principalmente em hospitais, além da ênfase na pesquisa biológica. Esse conjunto de propostas ficou conhecido como medicina científica.

As escolas brasileiras também foram profundamente influenciadas pelo relatório Flexner. Deixou-se de lado o modelo empírico europeu e adotaram-se as novas propostas do relatório. A partir daí o ensino no Brasil tornou-se mais biomédico, o ser humano deixou de ser sujeito do processo terapêutico e passou a ser objeto de estudo.

Com o tempo os conceitos de medicina preventiva passaram a entrar em cena. E avaliou-se a importância do respeito à dignidade e do determinismo da estrutura social. Em 1976, a Organização Pan-Americana de Saúde discutiu em várias reuniões os princípios básicos para o desenvolvimento da educação médica na América Latina e Caribe. Foram feitas várias propostas entre elas a implantação do ensino de medicina preventiva e social em todas as escolas, o ensino da prática de medicina comunitária, o enfoque no ensino interdisciplinar e o uso das instituições da rede pública como campo de prática clínica. A partir daí o ensino médico evoluiu no sentido de implantar uma medicina mais humanista e generalista e menos biomédica e fragmentada.

Para avaliar o ensino médico no Brasil sempre tão influenciado por fatores externos e em contante mudança foi criada em 1991 a Comissão Interinstitucional Nacional de Avaliação do Ensino Médico, CINAEM, composta por onze entidades e da qual a Associação Brasileira de Educação Médica, ABEM, era presidente e o Diretório Executivo Nacional dos Estudantes de Medicina, DENEM, era vice-presidente. Ela se constituía num processo nacional de avaliação contínua construída coletivamente pela comunidade acadêmica e por seus atores ligados às políticas de saúde.

Esse processo de avaliação foi executado em três fases. A primeira fase pretendia por meio de um questionário avaliar a estrutura político-administrativa e econômico-administrativa, recursos materiais e humanos, modelo pedagógico, atividades de pesquisa e extensão e características dos médicos formandos. Na segunda fase foram analisados os questionários e verificou-se deficiências na formação do médico generalista, formado para atender às necessidades sociais como verdadeiro cidadão promovendo mudanças em seu ambiente. A terceira fase trouxe propostas concretas de mudança inclusive explicitando os instrumentos de intervenção, sugerindo disciplinas e modo de executá-las.

Infelizmente, devido a desentendimentos entre membros do CFM, que financiava o projeto, e diretores de escolas, o único grande esforço conjunto de se avaliar a educação médica brasileira teve seu fim. Hoje o Brasil carece de um método eficiente de avaliação de suas escolas. O SINAES (Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior) aprovado pelo Congresso em 2004 pretende cumprir essa função.

Esse novo instrumento de avaliação do Ministério da Educação é formado por três componentes principais. O primeiro é a auto-avaliação institucional, realizado permanentemente e com resultados apresentados a cada três anos, o segundo é a avaliação institucional externa realizada por uma comissão de avaliadores e o terceiro é a avaliação dos estudantes através do ENADE. Para avaliação específica dos cursos de medicina foi instituída no ano passado uma comissão de pares da qual faz parte o célebre médico e ex-ministro Dr. Adib Jatene.

Em paralelo a isso corre no Congresso Nacional o projeto de lei 65/03 que determina novas regras para a abertura e renovação de reconhecimento de escolas de medicina. Entre elas a de que a autorização de novas escolas vai atender a critérios de qualidade e necessidade regional e que será obrigatória a existência de um hospital de ensino.

Num contexto em que as faculdades de medicina se multiplicam pelo Brasil, o poder executivo, legislativo e a sociedade organizada (CREMESP) propõem a todo instante métodos de avaliação externa que regulem a qualidade dessas instituições. E os estudantes o que têm feito a esse respeito? Não seria interessante que os sujeitos alvo da educação médica tivessem uma opinião formada ou pelo menos soubessem algo sobre esse assunto?

Esse ano é uma das frentes da DENEM a discussão da educação médica e seus métodos de avaliação. Mas isso é muito pouco se não nos propusermos realmente a debater dentro de nossa faculdade. Se não nos interessamos espontaneamente por esse assunto quem sabe possibilidade de um exame terminal injusto como o proposto pelo CREMESP tornar-se obrigatório não nos desperta.

Pensando na emergência desse tema a Coordenadoria de Ensino pretende realizar nos dias 27 e 28 de maio de 2008 um fórum sobre a EDUCAÇÃO MÉDICA E SEUS MÉTODOS DE AVALIAÇÃO. Esse fórum será um estímulo para a formação de um grupo de discussão permanente que se aprofundará no tema, fará críticas, propostas alternativas e tentará definir um posicionamento do CAAL. Contamos com a participação de toda a faculdade. ⬣

Sobre a necessidade de reestruturação curricular

Emerson Rafael Lopes
(coordenador regional Sul 2 DENEM)

A estrutura curricular vigente é extremamente alienante, já que o estudante é tido como uma tábula rasa, na qual são impressas imagens e informações. Os fatos não permitem equívocos, e os estudantes usam, de todas suas funções cognitivas, somente a memória, e não encontram espaços para a reflexão, para o pensamento crítico, para a criatividade, para o processo ensino-aprendizagem. Isto pois passam mais de 70% do curso médico sentados em uma cadeira, passivamente, sendo "preenchidos" pelas verdades do agora através de aulas expositivas, ministradas para cerca de cinqüenta a cem alunos. As avaliações, além disso, são terminais, e para se obter uma boa nota, basta copiar o discurso do professor e estudar pelo caderno. O cenário hegemônico para a formação clínica, ademais, é o Hospital. Se faz necessário reforçar, além disso, que as disciplinas de área básica têm grandiosa contribuição na formação de um médico pensante, crítico, interpretador da ciência. É um equívoco, todavia, pensar que esta contribuição das cadeiras básicas virá através da transferência de conteúdos.

É possível tornar o processo ensino - aprendizagem mais significativo, mais ativo, mais crítico e reflexivo. Isto através de problematizações; de dúvidas; de desenvolvimento de hipóteses; de identificação de lacunas de conhecimento; de definição dos objetivos de

aprendizagem; de avaliações formativas que tragam um rigor metódico ao estudo individual; da ampliação dos cenários da prática clínica no processo de formação, superando a atenção episódica, centrada na doença e em ações curativas e reabilitadoras, para uma atenção contínua, centrada no cuidado das pessoas, com o estabelecimento de vínculos, clientela, responsabilização, trabalho em equipe e em ações de promoção, prevenção, cura e reabilitação. Reitero que não acredito em um modelo pedagógico totalmente construtivista para a realidade brasileira, em que a Educação Fundamental e a Média são catastróficas. Entretanto, temos de ter clareza que este modelo é uma diretriz importante, principalmente na Educação de adultos.

Com estas mudanças, estaremos aptos a formar um egresso capaz de refletir criticamente, com rigor metódico – já que o aluno aprenderá a aprender ao longo de seu novo currículo -, sobre o processo de produção do conhecimento científico. Além disso, será um egresso capaz de atuar politicamente na consolidação de um Sistema Público de Saúde (e não "mercado"!) universal, equânime, hierarquizado, que preza pela participação social e pela integralidade da assistência. Um papel difícil, em um país sem tradição de cidadania garantida.

O segredo está em como operacionalizar estas diretrizes na práxis. Isto depende do estabelecimento de diálogos e da construção de consensos. É necessário, entretanto, que o ego não supere a humildade neste processo, através da criação de espaços de ampla discussão de idéias, com a maturidade e a responsabilidade necessárias, com docentes e discentes envolvidos. É necessário superarmos os resquícios catedráticos vigentes em nossos departamentos É necessário o protagonismo estudantil neste processo de mudança.

10 razões para propor um método avaliativo integral e discordar do exame do CREMESP

Gines Villarinho(XLV)

1) Um melhor atendimento médico decorre muito mais da melhor formação profissional e de melhores condições de trabalho do que de uma prova teórica que diz quem é médico e quem é bacharel em Medicina. Avaliar o ensino médico é fundamental, mas de maneira democrática, continuada e integral, avaliando alunos e instituições.

2) Falta de critérios para abertura e fiscalização de escolas médicas, negligenciando qualidade de ensino. Vale a pena salientar que, a despeito de toda lógica, o excesso de novas escolas e de novos médicos que elas lançam no mercado – mais de oito mil por ano – atuam justamente nas regiões em que o número de escolas e médicos já é o bastante, ou seja, nem sequer o critério de utilidade social foi observado no sentido de amenizar as cruéis discrepâncias regionais do atendimento médico.

3) Uma prova como o exame do CREMESP não consegue melhorar o nível do médico formado e sim produzir um médico "fazedor de prova teórica". Portanto, além de não melhorar a formação é provável que este método piore ainda mais o atendimento à população.

4) Na medida em que não impede que maus médicos entrem no mercado de trabalho, este exame torna-se um artefato de utilidade apenas mercadológica, possibilitando seu uso para fazer reserva de mercado, fomentando o aparecimento de "cursinhos" para passar na prova e fazendo um "rankeamento" de escolas médicas. Formando, portanto, um médico menos humano e preparado para a prática e mais teórico e distante das demandas de saúde do nosso país.

5) O exame da ordem dos advogados do Brasil (OAB) que surgiu com a mesma proposta que surge o Exame para Egressos da graduação de Medicina, não conseguiu melhorar a qualidade do serviço jurídico prestado, não conseguiu incitar uma melhora no ensino, não impediu o aumento do número de cursos de direito no país e colaborou para a depreciação da profissão.

6) No exame para egressos realizado em caráter opcional pelo CREMESP foi alcançada uma taxa de aprovação de 44%. Caso este fosse obrigatório e esta taxa se mantivesse, o que aconteceria com os 56% que não foram aprovados? Quais são as competências e prerrogativas do bacharel em Medicina?

7) A perspectiva de implantação dos novos currículos médicos confronta-se com a proposta de Exame de Ordem do CREMESP: no tocante ao conceito de avaliação, que nesta prova, mais do que nunca, assumiria um caráter punitivo, e na própria imposição do que deve ou não ser ensinado. Selecionando e privilegiando mais uma vez o médico tecnicista "robotizado e fazedor de provas".

8) O Sistema de Saúde vigente, hoje, é o grande responsável pelos desvios de conduta, sendo na sua concepção incompatível com a ética médica, já que condiciona qualidade de atendimento ao poder aquisitivo. A conivência da classe médica, na sua maioria, com esta situação de mercantilização da Saúde é certamente responsável pelo descrédito da Medicina no país. Esse pungente problema será levado em conta pela prova do CREMESP?

9) A função do CRM é exatamente a de fiscalizar a atividade do médico como indivíduo (negligência e má fé), a exemplo do que ocorre em outros países. Se as condições de saúde no país tornam esta atividade insuficiente para evitar os desvios de conduta, cabe ao CRM fazer corpo ao lado das outras entidades representativas na busca de soluções definitivas, e não enfraquecê-las ainda mais impondo medidas paliativas.

10) Podemos dar um passo muito perigoso ao permitir que o exame de egressos além de definir quem é médico ou não ainda revalide diploma de estrangeiros como proposto pelo CREMESP. Pesquisas recentes mostram que médicos provenientes da América Latina se acumulam nos grandes centros já saturados. Essa pesquisa contrargumenta a justificativa do governo que permite o credenciamento de novos médicos para suprir a carência de profissionais no interior do país. Além disso, uma simples prova não pode avaliar um aluno formado em uma instituição brasileira bem como não pode avaliar a formação em outros países. ⬣

(texto baseado em discussões da DENEM e no site do CREMESP.)

A POLÊMICA CALOURADA DE 2008

Uma semana incrível

Priscila Sato(Panda-XLVI)

A Semana da Calourada foi, para mim, o primeiro e mais importante contato com os meus colegas de classe e com os veteranos. A cada dia tinha pelo menos uns 10 nomes ou apelidos a serem decorados, em noites de Choppada/ Churrasco esse número, no mínimo, dobrava.

Além dos nomes, fomos bombardeados por novas informações, o que já começou no dia da matrícula e da procura por kits/ pensionatos: número de telefone, preços , tarifas, documentos, contas, senhorio, inquilinos... Morar longe de casa é uma experiênicia única de liberdade, mas também de muita responsabilidade...

Na faculdade então: aulas, institutos, CAAL, AAAAL, ligas, treinos, provas, professores, horários... Sem falar na inacabáveis siglas que, aos poucos, se tornaram parte dessa nossa nova rotina. As palestras de apresentação e os guias para os calouros perdidos me ajudaram MUITO, mas ainda assim não conseguia esconder a cara de paisagem em todas as vezes que alguém me perguntava sobre algo que eu nunca tinha ouvido falar. Nessas palestras pudemos conhecer pessoas que farão parte de nossa vida como estudantes e, possivelmente, como profissionais. Fomos apresentados a essa nova vida que estava apenas começando em uma das melhores univesidades do país e do mundo. Era um sonho se tornando realidade, uma realidade tão concreta quanto o nosso pé- de- acerola plantado no jardim da FCM.

Um clássico na recepção aos calouros foi o pedágio. Por algumas míseras moedas, nós dançamos, cantamos e imploramos de todos os jeitos possíveis e esse esforço em conjunto me uniu muito com o grupo com quem estava no mesmo semáforo. O nome da Unicamp favoreceu bastante a arrecadação, mas percebemos que a simpatia e a atenção daqueles que abaixavam o vidro para nos escutar já era gratificante. Claro que quando contribuiam era ainda melhor! O dia da Feira de Saúde foi, possivelmente, o melhor de todos. Pudemos nos envolver ativamente com a população de Campinas, conhecer pessoas de outros cursos e aprender mais sobre os exames e sobre o processo de diagnóstico. Eu tentei participar de todo o ciclo, mas acabei ficando mais na glicosimetria, no encaminhamento, na pressão e na anamnese. Adorei tudo o que fiz e aprendi.

Essa semana, infelizmente,passou rápido demais, meus principais elogios vão para a organização, para a variedade na programação e para o esforço e dedicação de nossos veteranos para que tudo desse certo. Já tenho lembranças maravilhosas que serão apenas o começo de 6 anos de muitas outras e posso dizer que me senti bem-vinda à faculdade por aqueles que tem a unicamp há tanto tempo no coração.

30 mil reais arrecadados renderam uma semana de recepção inovadora, com uma comissão de calourada disposta a coibir o trote violento, apoiada por uma diretoria que queria mudanças no modelo tradicional da calourada. As boas vindas da 46ª turma da Medicina Unicamp contaram com o apoio de um Centro Acadêmico mais incisivo e firme, com a tão discutida postura "anti-trote violento."

Impressões de uma semana agitada

Henrique Sater(Abrealas) e Lucas Luchesi Barnes(Carga)
coordenadores gerais da calourada 2008

Se para uns a calourada foi um grande banho de espuma, para outros pode ter sido intermitentes duchas frias e quentes. Enfim, a impunidade começou a ser ameaçada por uma possível, segundo muitos, onda de fiscalização e denuncismo por parte de um grupo de pessoas vinculadas a este Centro Acadêmico, incentivadas por uma diretoria que sempre pareceu disposta a extinguir alguns rituais extremamente tradicionais. Muito rebuliço foi gerado em torno de conceitos como "trote" e "trote violento", e, paradoxalmente, dentro de uma faculdade de Medicina, fazia-se necessário discutir qual o limite (extremamente tênue, diga-se de passagem) entre a mera brincadeira e o sofrimento e humilhação real.

As novidades começaram já antes da semana propriamente dita: uma tenda do CAAL com música, vídeos, fotos, eventos, explicações e, acima de tudo, um calendário completo e transparente da semana entre o dia 25 de fevereiro e 3 de março fazia parte do circuito realizado pelos calouros durante as matriculas, com membros deste CA mostrando porque e quais as funções do órgão de maior poder deliberativo representante de todos nós, alunos da MED UNICAMP.

O resto da matrícula foi como sempre: os calouros saíram pintados, exaustos e carregados de compras, mas, acima de tudo, com a certeza que o esforço tinha valido a pena. Ver a bateria tocando, trocar as roupas de sempre pelas da própria faculdade, conhecer pessoas novas, provavelmente uma cidade nova e perceber que tudo iria ser diferente a partir daquele momento deixava os calouros ansiosos para o dia 25 de fevereiro.

E quando finalmente chegou o dia 25, e começou a apresentação da Atlética e do CAAL, vimos uma sala dividida em muitos verdes e brancos sem expressão e opinião coesa e outros crentes das tradições de todas as épocas, com muita força e veracidade. E, a partir dali, ficou muito clara as ideologias tomando semblante dentro do anfiteatro, a qual cabia apenas aos calouros perceber e julgar.

Após um ensaio da Batucogu, uma noite de sono bem dormida, um pedágio exaustivo e inesquecível, chegava o ônibus com pouco mais de 60 calouros na chácara White Feather. Piscina, cerveja, música, lama e, a novidade, espuma marcaram uma chopada realizada com meses de preparação por batas azuis dispostos a proporcionar o máximo de diversão para os ex-vestibulandos. As 11 horas, partia o ônibus de volta com quase 50 calouros e depois do último ônibus que saiu as 2 da madrugada, nem cinco calouros restavam no banho de espuma.

A impressão geral era que tudo tinha dado certo: o foco da festa por vários momentos era a "fiscalização" do trote(representada pelos batas azuis) e não o trote propriamente dito. Tudo que nós, enquanto comissão de calourada queríamos, parecia executado: fazer a recepção para os calouros e garantir a diversão real dos mesmos.

Mas, não sejamos utópicos: algo satisfatório definitivamente não é algo perfeito. Mesmo com a espuma e os batas azuis para distrair as mentes mirabolantes, houve quem não gostou de algumas brincadeiras e uma suposta denúncia de trote revelou um desejo da faculdade em punir o acusado, sem represálias para o resto de nós alunos. Mas tudo correu bem como sempre: ninguém foi acusado e a denúncia deve estar no mesmo arquivo que a carta da Med Unicamp que seria enviada para o Serra sobre os decretos.

Quanto à quarta-feira, detalhe no almoço com o 6º ano, que, apesar da demora, foi muito integrativo e saudável(em todos os sentidos). Houve também as oficinas do CAAL, mais dinâmicas e interessantes que ano passado, mas com o Pulso um pouco ausente e sem ritmo. E, terminando a quarta feira, o Happy Hour do CAAL que inovou com música ao vivo e mesas repletas de calouros bebendo e comendo a vontade, no Rudá Bar.

A quinta foi bem cansativa: a antiga Feira da Saúde(que mudou de nome) mostrou a saúde pública e o ônibus para o churrasco trazia menos calouros que a chopada. O churrasco que nos outros anos era mais proveitoso para os calouros foi de fato: calouros jogando bexigas d'água neles mesmos, dançando muito na lama suja da Pena Branca e bebendo mais a vontade fizeram o churrasco ter valido a pena para a comissão de calourada.

Trote da cidadania e Gincana Integrada como sempre foram muito engraçados, segundo os calouros e enfim, a semana de calourada chegou ao fim.

Foram mais de 30 mil reais arrecadados, férias bem movimentadas, discussões incessantes e muita vontade de fazer algo diferente. Talvez tenhamos sido muito radicais, talvez ainda não entendamos como as coisas funcionam, mas a partir do momento em que alguém da sua própria sala chora ao contar como foi sua semana de recepção, a vontade de fazer mais do mesmo se esvai. Tomo as palavras do médico, intelectual e revolucionário Che Guevara para finalizar essa tentativa de esclarecer o que e por que tentamos fazer o que foi feito: "O importante não é justificar o erro, mas impedir que ele se repita." Convido qualquer um que se interessa a impedir que alguém chore ao falar de sua semana de calourada, a impedir que alguém largue a faculdade por causa de uma brincadeira infeliz e impedir que alguém acredite de fato que há diferença entre seres humanos, baseado no ano que elas entraram na universidade. Convido qualquer um a tentar mudar o imutável e fazer que de uma sala de 110 pessoas, pela primeira vez, a maior parte dela esteja disposta a entrar para mudar, entrar para fazer parte do indescritível mundo que é fazer uma universidade pública e poder exercer a condição de estudante, de fato.

TROTE: A HIERARQUIA DA VIOLÊNCIA

Quem recepciona deve pensar mais em si ou no outro ? A minha alegria é a alegria do outro? A alegria é a mesma para o outro e para mim? Quem pretende amar deve indagar-se sobre a própria forma de amar. Um amor ininteligente pode ser pior do que o ódio (Hegel)

Gines Villarinho(XLV)

Embora sem uma base científica, algumas possibilidades podem ser levantadas:

1) O ingresso nas escolas médicas é precedido por um período de grandes esforços e sacrifícios, mais ou menos duradouros. A competição, nessa época, é máxima e privilegia o desempenho individual;

2) O curso médico é física e mentalmente desgastante. Quase não há horários para os jovens se dedicarem a sua juventude;

3) Apesar do grande esforço para concretização da reforma curricular, o modelo de relação ainda vigente nas escolas médicas é de domínio do docente e submissão do aluno. Isto ocorre na prática de apenas injetar conhecimento sem que haja troca entre o docente e o discente.

4) Uma das características mais comuns aos médicos é o autoritarismo e o corporativismo.

Os autores colocam como uma das possibilidades de explicar o comportamento violento nos rituais de recepção o fato de o curso médico ser física e mentalmente desgastante. Será que o trote não faz parte de um conjunto de ações que fortalecem a corporação médica? Ou a primeira prova, de muitas outras que virão, para que o recém-chegado passe a ocupar um espaço privilegiado? Não será o sofrimento anterior à entrada na faculdade, assim como os outros sofrimentos que o curso impõe a seus alunos, uma forma de tentar garantir o status do profissional médico, mesmo em um contexto perverso como o atual, que não garante mais condições de trabalho decentes para esse e outros profissionais?

O trote trata-se, indiscutivelmente, de uma violência. A consideração de que se trata de um "ritual" que faz parte da tradição acadêmica deste e de alguns outros países não altera esse aspecto. A amputação do clitóris em certos grupos islâmicos, as humilhações impostas aos recrutas do exército e polícia são outros exemplos em que a justificativa do "cultural" poderá também ser levantada. Mas, por esse caminho, também justificaríamos a lavagem étnica de Kosovo ou até mesmo as câmeras de gás de Auschwitz.

Os veteranos, principalmente os mais velhos no curso, chegam em grupo para a recepção aos novos colegas, com uma enorme frustração contida e os calouros, reprimidos e isolados pelo preparo para o vestibular. Os primeiros querem repetir tudo aquilo que fizeram com eles. Inclusive o modelo de dominação pelo poder que vêm observando durante o curso médico. Os segundos não estão amadurecidos para entender seus direitos e deveres. Ficam alienados por um bom período. Estão deslumbrados. Estão sós. Não têm um grupo em que se apoiar.

Em uma conversa com um veterano (6° ano) foi questionada a finalidade da carta encaminhada por mim aos calouros na oportunidade da semana de recepção e o maior argumento usado por essa pessoa foi que eu estava sendo louco de informar os calouros pois assim como os políticos querem seu povo burro nossos veteranos também contam com a prerrogativa da ignorância dos calouros para postergar uma tradição medieval de trote e ritual de iniciação.

Os responsáveis precisam de um nome que os acalme, assim como de uma pílula para dormir ou para emagrecer. Não há interesse em discutir as causas, razões, situações. Prefere-se qualquer solução, ainda que temporária e paliativa. E são os maiores entusiastas da ideia de manter o nome sacro da MEDICINA UNICAMP intocável. Como se escondendo e negando os problemas reais esses se resolvessem sozinhos.

Não se considerou adequadamente o risco de se deixar para um grupo de pessoas o controle de uma situação cheia de possibilidade de acidentes. Para esclarecer melhor, é preciso lembrar que em qualquer lugar onde se junte bebida, extroversão, piscina, etc. é necessário se precaver de eventuais acidentes. E mesmo respeitosos doutores se excedem em situações como esta. Que dizer, então, de jovens que avaliam a vida como infinita e o risco de morte próximo a zero? A forma mais simplista de resolver a situação parece ser a de assinar um documento proibindo o trote nas instituições de ensino. O decreto do fim do trote não garante absolutamente nada. Talvez possamos enquadrar mais facilmente alguns exageros. Porém, nunca é demais lembrar que significará apenas a punição de alguém e não a prevenção de ocorrências desagradáveis. A proibição sumária já foi estabelecida muitas vezes e, freqüentemente, resultou em maior violência.

Simplesmente proibir estas festas seria altamente decepcionante e só para registro eu fui um dos organizadores tanto da chopada quanto do churrasco que são eventos problemáticos. É necessário lembrar, entretanto, que provavelmente ninguém (ou quase ninguém) quer ser humilhado.

Precisamos discutir e resignificar a recepção dos calouros e nesse processo, é fundamental a participação eqüitativa e ativa de professores e alunos iniciando, assim, um novo paradigma de relação entre estas classes. O processo de criação das novas formas de receber calouros deve ser genuíno e pertencer àqueles com quem este aluno vai se relacionar. Romper com tradições desabonadoras é fundamental, mas um rompimento abrupto, sem preparo e sem discussão e engajamento de todos os elementos envolvidos, não terá substância suficiente para sobreviver.

Alunos de Medicina, lidam com experiências humanas radicais, como a morte, para a qual os estudantes nunca foram preparados. O modo como nossa sociedade pensa a sua relação com o insuportável, o horrível, e delega-a a pessoas que não têm ainda maturidade emocional, nem formação suficiente, para lidar com esses problemas ajuda a construir o cenário caótico que vivemos. Pois depois de um ou mais anos de intensa dedicação aos estudos, quase sem se afastar dos livros ou do cursinho, jovens de vinte anos de idade se defrontam nos cursos de Medicina com a dor extrema, o sangue, a morte,o desespero de pacientes e parentes. São muito novos para saber lidar com isso, mas sobretudo não tiveram, nos cursos que fizeram, do ensino fundamental ao ensino médio, nem nos cursos que farão, na universidade, nem provavelmente em suas famílias, quase nenhum aprendizado sobre os aspectos psicológicos e humanos com que vão tratar.

Esse fato dialoga com a conversa com um médico residente durante a calourada. Nesse bate papo foi criticada a postura do CAAL em tencionar as relações e apostar na fiscalização e punição para coibir o trote e foi cobrado do CA qual seria a postura com os praticantes do trote: "vocês já pensaram, se preocuparam com essas pessoas que praticam o trote? Essa pessoa tem um problema, um distúrbio e o que o centro acadêmico pensou em fazer por ela? Vocês conversaram com os serviços de ajuda psicológica para encaminhar essas pessoas ou pensaram simplesmente em fiscalização e punição?".

Isso me fez refletir muito e me ajudou a elaborar o presente texto, então agora vai a resposta: infelizmente não chegamos a esse grau de aprofundamento da discussão e erramos nisso, porém resolvemos dar a resposta à violência que era notada nesses espaços para levantar a bola do debate, não varreremos para debaixo do tapete, como é costume por aqui, e agora que a discussão esta posta deixamos todas as portas abertas para quem quiser se colocar. Utilizem as mídias do centro acadêmico, se apropriem do que é de todos nós. Porém se até a próxima calourada nada tiver mudado não nos cobrem (continuaremos a luta) pois nós demos a cara a tapa e estamos propondo o debate então, agora, cabe a comunidade responder e sugerir novas abordagens. Conto com a colaboração de todos inclusive com a possibilidade de realizarmos um evento (seminário, simpósio, debate , oficina...) com essa temática ainda esse ano com a participação de todos os atores envolvidos nesse processo.

Em uma oficina no COBEM 2007 escutei uma historia de trote solidário diferente, não era aprender e ensinar a separar lixo não, era uma viagem, em estagio de vivência no qual os calouros eram apresentados a realidade do SUS e da saúde da população que cercava os arredores da faculdade. Veteranos e alunos se embrenhavam pelo interior do estado se deparando com os cenários de fome e miseria. Lógico que haviam momentos de festas e confraternização mas o enfoque era político, formador. Queria-se formar cidadãos questionadores. Na minha calourada ideal seria assim... sonho com isso mas, enquanto isso não é viável, continuo lutando dentro das minhas possibilidades pois afinal: a politica é arte do possível !

A recepção politizada aos calouros é salutar para o convívio universitário e deve ser desenvolvida e trabalhada dentro das instituições. Permite que os calouros compreendam a universidade e passem a conviver mais de perto com conceitos de autonomia. A recepção deve ser encarada como um rito de iniciação necessário, capaz de produzir massa crítica desde o início da vida acadêmica e de levar a escola a ultrapassar seus muros, transformando a educação profissional, formal e não formal.

O trote pode ser parte de um projeto educativo global, integrado e articulado na luta por uma educação de qualidade para todos, que acabe gerando indivíduos capazes de estabelecer seus próprios limites de intervenção na sociedade. Esta prática de recepção já existe em várias universidades do país, mas é preciso difundi-la. A versão despolitizada e bruta do trote é uma herança deixada pelo AI-5, de 1968, que acirrou o controle sobre as universidades e impediu a manifestação político-cultural das calouradas estudantis, que se constituíam, na época, em espaços de contestação e de crítica social. Não podemos mais viver das heranças e nem vivenciar a democracia da idade média. Afinal, os tempos são outros...

Bibliografia: http://www.interface.org.br/indice.asp?nCodVol=5 (debate com 11 textos sobre trote)

O PATO ENTREVISTA

Marcelo Gustavo Lopes – XLVI, 19 anos, Americana

O Patológico – O que significou o dia da matrícula 2008 para você?

Marcelo Lopes – Gostei bastante. Sabia que teria alguma brincadeira, mas não foi nada de mais. Foi divertido a pintura e conhecer pessoas da minha turma e veteranos, tanto que o primeiro contato que tive com o pessoal da minha sala foi na rodinha no meio da bateria.

OP – Como foi? Você se sentiu integrado?

ML – Sim, o pessoal foi bastante receptivo. Tinha bastante gente explicando assuntos da faculdade, como a tenda do CAAL, cujo propósito era esse mesmo. Foi bem legal, porque explicaram tudo o que aconteceria na semana da calourada.

OP – Como você avalia a semana da calourada 2008? O que você mais gostou? E o quê menos gostou?

ML – Acho que foi uma oportunidade de se integrar com os veteranos. Com os calouros não foi tanto, pois achei que o pessoal estava meio tímido ainda. Conheci veteranos e algumas pessoas da sala, mas a maior parte do pessoal da sala eu conheci nas últimas semanas. No geral eu gostei bastante. O pedágio foi muito legal. As oficinas do CAAL, justamente por eu me interessar previamente pelo centro acadêmico, eu gostei também. O que eu mais gostei foi o Happy Hour do CAAL. A primeira semana é importante justamente por isso, pra ter o primeiro contato. E o que eu menos gostei foi o TCI (Trote da Cidadania Integrado): de manhã aconteceram várias palestras, que atrasaram, eram intermináveis e falavam o que todos já sabiam. À tarde foi um pouco melhor, mas eu achei meio mal arranjado.

OP – Comente:

ML – Pedágio: Um dia bem divertido, os veteranos do meu grupo eram super integrados e participavam das brincadeiras que nós fazíamos.

Choppada: Conheci vários da minha turma que não tinha visto ainda. Achei o esquema da espuma muito legal. Em alguns momentos me senti incomodado pela atitude de algumas pessoas, mas aproveitei o máximo que pude.

Happy Hour: Foi o espaço que eu mais gostei. Gostei porque eu conheci as pessoas do CAAL que ainda não tinha tido contato e estreitei os laços de amizade com várias pessoas da sala. E a música estava muito boa!

Feira da saúde: Não concordo em se realizar uma feira da maneira como foi realizada. Mas achei o dia interessante. Foi o primeiro e talvez o único contato que no primeiro semestre a gente vai ter com a população, mesmo que tenha sido mínimo.

OP – O que você achou das batas azuis?

ML – Uma iniciativa bem interessante, porque elas evitam que excessos sejam cometidos, ou não, mas é o propósito delas. Elas deram mais segurança para ou calouros.

OP – O que é trote para você?

ML – O trote é um momento que serve para que as pessoas se conheçam, integrem-se e criem laços de amizade. Um momento de descontração que deveria estimular as pessoas a se divertirem.

OP – O que é trote violento para você?

ML – É aquele que humilha as pessoas e que as agride moral e fisicamente. Independente do que seja, se a pessoa se sentir lesada, eu considero trote violento.

Diego Tavares Machado – XLVI, 19 anos, São Paulo

O Patológico - O que significou o dia da matrícula 2008 para você?

Diego Machado – Eu gostei bastante, pois o acolhimento foi bem feito. O pessoal estava bem animado, foi muito diverido. Também gostei da maneira como recepcionaram os pais, conversavam com eles, explicavam, deixaram-nos mais tranqüilos.

OP - Como você avalia a semana da calourada 2008?

DM – Foi uma semana bem feita, bem programada, em geral eu gostei. Gostei bastante das brincadeiras que aconteceram enquanto estávamos no ônibus, indo para algum evento, era bem animado.

OP - Comente:

DM - Pedágio: Não gostei. A técnica é cansativa: ficar no sol e de pé por muito tempo, pedindo dinheiro. E o almoço foi fraco. No começo é até divertido, mas depois fica cansativo, ainda mais porque as pessoas parecem que param de dar dinheiro.

"O cara te chama lá pra entrar numa banheira de gelo.
Você pensa: Ah, não...
Aí ele: Calouroo!
E você: Ah, tudo bem, só um friozinho, depois passa..."

Choppada: Achei divertida, é uma forma de integrar o calouro ao cotidiano da universidade. Como em todo lugar, existem pessoas chatas e legais, e foi assim na choppada também. Existiram veteranos ruins, mas veteranos bacanas também.

Happy Hour: Um pouco monótono, mas foi bom para conversar, descontrair.

Feira da saúde: Teve pontos interessantes, por exemplo, gostei muito da glicosimetria e de ficar no estande com os internos. Mas algumas vezes, nos deram trabalhos que não foram muito úteis, como quando nós só podíamos ver, observar, e a maioria era forma de auxílio muito simples. Não gostei muito da anamnese e da audiometria.

OP - O que você achou das batas azuis?

DM – Foi muito bom, pois de certa forma conseguiram manter uma diversão adequada. Na medida de seu alcance, controlaram focos que poderiam deixar de ser diversão para se tornarem algo desagradável. Funcionou até onde foi possível. Foi uma maneira também de conhecer o pessoal do 2° ano.

OP - O que é trote para você?

DM – Uma brincadeira tradicional do mundo universitário. Faz parte. Acho que todo mundo, no seu íntimo, quando entra na faculdade quer passar pelo trote. É uma experiência pela qual todos devem passar.

OP - O que é trote violento para você?

DM – Trote violento é algo que danifica física ou moralmente o indivíduo, de maneira que marca indefinidamente.

Flávia Vianna – XLVI, 19 anos, Campinas

O Patológico – O que significou o dia da matrícula 2008 para você?

Flávia Vianna – Foi bem legal, a recepção foi muito boa. Deu pra quebrar toda aquela tensão de como seria o primeiro dia. Cheguei insegura com o trote, eu nem sabia se participaria, mas com todos dando as boas vindas, ninguém se colocando em uma posição superior que a sua, eu já senti que poderia confiar. Med tem uma fama, todos falam que o trote é pesado, mas de certa forma a matrícula desfez essa idéia.

OP – Como foi? Você se sentiu integrado?

FV – Integrada não sei, mas fui bem acolhida e realmente me senti bem vinda.

OP – Como você avalia a semana da calourada 2008? O que você mais gostou? E o quê menos gostou?

FV – Foi legal, deu pra conhecer bastante gente, tanto veteranos quanto calouros. O que eu mais gostei foi a choppada, que teve a espuma. A bateria também foi ótima. Dava o maior orgulho cantar os hinos com pessoal. Eu ficava pensando em quantas pessoas não queriam estar no meu lugar naquele momento...O que foi mais cansativo foram as oficinas do CAAL, pois foi no dia seguinte à choppada, e com toda aquela explicação... Eu sei que é importante, mas cansou um pouco.

OP - Comente:

FV - Pedágio: Cansou ficar no sol, mas tem água, protetor solar, esse não foi bem um problema. É cansativo, mas acho que é uma coisa que você tem que fazer, pois é uma vez só que você vai ser calouro e vai ter a chance de dizer pra todo mundo que passar na rua que você merece o dinheiro deles porque você acabou de passar na med unicamp. E as pessoas te dão o dinheiro. Gostei de fazer. Eu tinha sempre a sensação: eu to aqui porque eu passei onde eu queria.

Choppada: Muito bom, clima de festa. Deu pra conhecer o pessoal dos outros anos. A espuma foi ótima, você passava menos frio. A única coisa que não foi muito legal foi a vaselina, que eu não faria na calourada do ano que vem. Dava um certo receio quando os calouros se separavam, por ter poucos, e você não sabe como o veterano que te encontrará é. Você ficava meio perdido.

Happy Hour: achei mais ou menos. Eu tava bem cansada, mas foi legal pra conversar com gente que ainda não tinha conversado. Lembro que conheci 3 ou 4 pessoas nesse espaço. Conheci mais calouros do que veteranos.

Feira da saúde: muito legal. A primeira coisa que você fala: medicina, realmente, pois tivemos o primeiro contato mais sério com os assuntos da faculdade. Dá pra ver como os veteranos tratam a população, a relação médico-paciente. Gostei bastante da parte da visão, foi mais legal que a glicosimetria, por exemplo, pois deu pra conversar mais com as pessoas, não foi apenas um trabalho mecânico.

Churrasco: Muito bom. Consegui comer pouco, mas comi. Deu pra conhecer melhor o pessoal mais velho e dançar bastante com o pessoal.

OP – O que você achou das batas azuis?

FV – Não precisei recorrer a elas. Era legal que de vez em quando vinha alguém perguntar se você estava bem. Essa referência é boa, e não só um telefone (o disque-trote), é bom saber que tem alguém ali disposto a te ajudar.

OP – O que é trote para você?

FV – Depende, pode ser só uma integração na faculdade, uma recepção. Tipo um ritual de passagem. Eu sempre quis participar do trote, pois eu o vejo como uma coisa que só acontece uma vez na vida. Se você entrar e não fizer, é como pular uma parte.

OP – O que é trote violento para você? Você considera ter levado?

FV – Não considero ter levado. Trote violento é quando você se machuca, fisicamente, se sente coagido a fazer algo. Por exemplo: eu não gostaria que me mandassem ajoelhar pra cuspirem cerveja em mim. Passar vaselina no cabelo também não foi muito legal, mas perguntaram antes e eu deixei, então não considero trote violento. Também vi gente reclamando que estava se afogando na piscina, e tinha veterano jogando mais água ainda.

Matheus Stefani (Pablito – XLVI) 20 anos, Americana

O Patológico - O que significou o dia da matrícula 2008 para você?

Matheus Stefani - Eu fiquei muito feliz, os veteranos vinham e conversavam, foi uma coisa bem diferente. Ainda não tinha caído a ficha de que eu estava numa faculdade de medicina. E a bateria foi muito emocionante. Eu pude notar também que rola uma união muito forte entre os alunos. Falam que a gente é isolado, mas são 660 pessoas, nem tem como juntar todos os estudantes da med com o resto da Unicamp.

OP - Como você avalia a semana da calourada 2008? O que você mais gostou? E o quê menos gostou?

MS - Foi inesquecível e difícil de lembrar. Uma das coisas que eu mais gostei foi a feira de saúde, na qual tivemos contato com a população e pudemos observar como os veteranos, que nos davam trotes nas festas, atendiam as pessoas e lidavam com elas. Não me lembro que algo que não tenha gostado... Ahh, a semana foi bem cansativa.

OP - Comente:

MS - Pedágio: foi engraçado ver os veteranos pedindo dinheiro também. A Atlética poderia vir falar com a gente sobre o dinheiro que o pedágio rendeu. Não nos falar o valor, mas falar se valeu a pena o nosso esforço.

Choppada: era uma incógnita no começo, a gente chegou lá sem a menor noção de como seria. Mas foi bem legal e bem gelada.

Feira da saúde: Bom, na feira, apesar termos entrado há uma semana na faculdade, já nos sentíamos como médicos. As pessoas nos perguntavam coisas de medicina e a não havia como responder, pois não sabíamos, era engraçado.

Churrasco: foi divertido. Deu pra brincar de guerrinha de bexigas com os veteranos no fim do churras. Teve guerrinha também de pães, espetinhos... E foi legal ver q eles se auto davam trotes.

OP - O que você achou das batas azuis?

MS - Elas estavam lá pra passar confiança pros calouros e não pra não ter nenhuma brincadeira... Nisso elas funcionaram porque elas próprias estavam molhadas e tudo mais...

OP - O que é trote para você?

MS - Faz parte zoar, é uma tradição, é boa, pois você abaixa um pouco a bola do pessoal que acabou de entrar. Contribui bastante pra integrar a turma. Eles vão te zoar, mas depois eles se lembram de você e te chamam pelo nome. São brincadeiras que eles fazem, normal. Da maioria das coisas, os veteranos também participam, e eles se divertem. Foi da hora.

OP - O que é trote violento para você?

MS - Como o próprio nome diz, se tiver agressão, tipo agressão física. Mas eu acho relativo. Depende da pessoa que toma o trote e da ocasião. Se ela estiver no clima, zoando, bem de boa, ela entende que é uma brincadeira. Eu não considero ter levado trote violento.

O cara te chama lá pra entrar numa banheira de gelo.
Você pensa: Ah, não...
Ai ele: Calouroo!
E você: Ah, tudo bem, só um friozinho, depois passa...

A SEMANA

DE ACORDO COM O "PULSO AINDA PULSA"

Na Calourada de 2007, aconteceu uma reclamação de trote para a Comissão de Ensino e Graduação da FCM. A partir daí, a Diretoria e a CEG começaram a conversar com todas as turmas da faculdade para saber o que acontecera e o que poderia ser feito para evitar novos problemas neste ano. Além disso, o apoio a eventos do CAAL e da AAAAL foi suspenso e os 5° e 6° anos correram o risco de não ter dispensa para competir na Intermed.

Diante desses fatos, foi criada uma comissão com representantes de todas as seis turmas, do CAAL, da AAAAL, da CEG e da Diretoria da FCM para reestruturação da Semana de Calourada. A partir dessas discussões, formulou-se o projeto da Calourada de 2008 (veja abaixo) que visa coibir a violência na recepção aos calouros para evitar fatos desagradáveis como o do ano passado.

O CAAL e a Comissão de Calourada levaram em consideração esse projeto para organizar a semana de recepção aos calouros. Para que a implementação do projeto fosse do conhecimento de toda a faculdade, durante o período de férias ele foi divulgado. O passo seguinte foi pedir nomes de todas as turmas para compor o Conselho da Calourada e realizar uma reunião para decidir como ele atuaria na semana.

O estranhamento dos estudantes da faculdade começou a partir dessa divulgação e se intensificou nas matrículas e na própria semana de calourada, pois, de fato, algumas coisas mudaram. Essas mudanças ocorreram como conseqüência de todas as discussões de 2007, iniciadas pela Diretoria e consolidadas no projeto.

Como na calourada de 2007, nesta de 2008 também houve problema relativo ao trote, porém neste ano foi feita de fato uma denúncia de trote na Ouvidora da UNICAMP. Não temos conhecimento de quais atos foram denunciados, nem de como a denúncia será apurada. Acrescentamos o fato que tal episódio relativo ao trote foi relatado e brevemente discutido em reunião ordinária da Congregação.

O que o CAAL fez para respeitar o projeto de reestruturação: posicionou-se contra o trote violento; posicionou-se como apoio do calouro durante a semana de calourada. divulgou os eventos da semana em folderes e faixa; não permitiu às pessoas que não fossem da gestão atual para que discursassem durante a apresentação do CAAL ou em outro espaço usando o nome da instituição; garantiu aos calouros que tivessem escolha quanto a sua participação nos eventos, o que se exemplifica na parada do ônibus no campus da universidade antes de ir para a programação noturna; atenção durante os eventos quanto à ocorrência de trotes violentos; disponibilizou ônibus com horário marcado para o retorno da Choppada e do Churrasco.

A formação da atual gestão do CAAL também foi marcada pela discussão do trote violento. Tanto é que a chapa tinha como diretriz o esforço "Pela humanização das relações [...] entre todos os estudantes" e como proposta a "Reformulação da Semana de Calouros, que vise maior integração e acolhimento e busque a inibição de atos coercitivos e humilhantes".

O que o CAAL fez de prático na calourada em função dessa postura: membros da gestão não podiam praticar trote, pois poderiam ter sua participação dentro do CAAL reavaliada pela gestão; tenda do CAAL para apresentá-lo ao calouro e acolhê-lo desde as matrículas; divulgou o Disk-trote da Pró-Reitoria de Graduação; membros do CAAL identificados na Choppada e no Churrasco; evento noturno com outra conformação e onde o trote não pudesse ocorrer – o Happy Hour.

Juntamente com toda reestruturação da semana de calourada e da nossa preocupação em nos posicionarmos contra o trote, os membros do CAAL incentivaram a participação dos calouros nos eventos da semana. O resultado foi a participação dos calouros tal qual ocorria nos anos anteriores, com o acréscimo de estarem esclarecidos sobre a programação e terem a liberdade de participar ou não dos eventos.

OS GRÁFICOS DA CALOURADA

Esta avaliação decorre de um questionário aplicado na sala dos calouros como parte da avaliação da Calourada. Este trabalho foi realizado por Gines Villarinho (XLV) e Daniela Donação Dantas (XLIII). Foram respondidos 77 questionários de forma anônima.

O Balancete por Josué(XLV)

Entrada	R$ 31.349,00	Saída	R$ 23.553,44
Patrocínio	R$ 18.470,00	Kit do Calouro	R$ 3.016,00
Kit do Calouro	R$ 6.470,00	Cofaca	R$ 3.865,00
Choppada	R$ 600,00	Almoço com sexto ano	R$ 413,35
Churrasco	R$ 5.545,00	Apadrinhamento	R$ 42,10
Almoço com sexto ano	R$ 250,00	Gincana	R$ 271,16
Almoço Gincana	R$ 124,00	Choppada	R$ 7.400,27
		Churrasco	R$ 8.496,98
		Tintas Matrícula	R$ 48,58

Saldo Final Total: R$7.795,56

Medicina Unicamp®

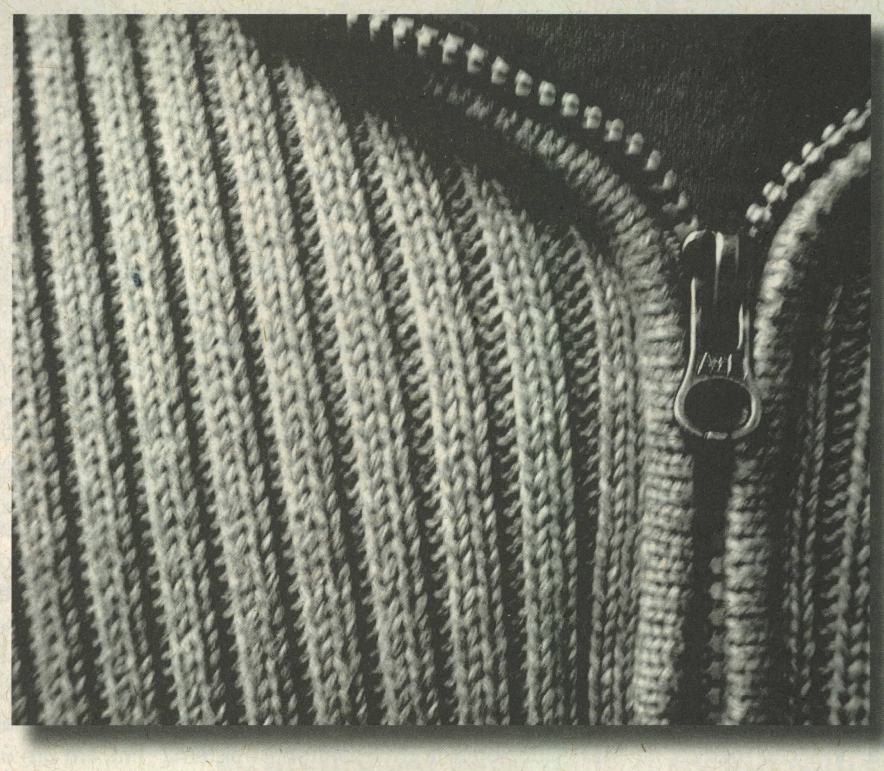
Daniela Dantas(Magali XLIII)

"No tempo em que todos puderem falar e ouvir como iguais, talvez entendamos alguma coisa do que a vida tenta nos dizer todos os dias!"

Tudo começou quando o Centro Acadêmico pensou em fazer um agasalho em comemoração dos seus 45 anos. Então, começaram as conversas com a Atlética, primeiro falaram da vontade de fazer o agasalho e escutaram as propostas, o CAAL decidiu que o agasalho sairia e que não lucraria em cima dele, mas ainda havia a questão do possível prejuízo da Atlética e os agasalhos são sua principal fonte de lucro para pagar os alojamentos para a Intermed, por isso nada foi decidido sobre como aconteceriam o lançamento e as vendas do agasalho. Muita coisa foi dita, muitos acordos foram tentados, mas todos acharam melhor que se fizesse uma reunião do Centro Acadêmico para fechar a discussão sobre o assunto.

A reunião começou e espantosamente contava com mais de 120 pessoas, coisa só vista na greve dos residentes (pelo menos nos últimos três anos em que eu estou aqui), a pauta escolhida, exposta e discutida foi o agasalho e passamos uma hora e trinta minutos falando disso!

O que eu vi a partir daí não foi bonito, foram anos de divergências, angústias e insatisfações surgindo de todos os lados. Podia-se perceber claramente que a tão falada "Família Medicina Unicamp" não está aberta a todos os estudantes desta instituição, pois não lida com o fato de que ela teria de ser heterogênea e pouco coesa, pois juntaria diversas pessoas, com diversos interesses e diversas visões de mundo. Todos os discursos que insistem em dizer que queremos as mesmas coisas foram caindo por terra, enquanto uns tentavam manter a hierarquia, em meio a rostos descontentes, e outros tentavam dizer que a diversidade deveria prevalecer, em meio a risos irônicos. Num mar de preconceitos, opressões, gritos de "vota logo", tentativas de tomar a palavra (de todos os lados) surgiram propostas coerentes e novamente



pressões autoritárias, enfim, houve de tudo até que conseguíssemos votar o que seria feito a respeito do agasalho comemorativo do Centro Acadêmico.

O que mais impressiona não foram as decisões tomadas, pois elas não são nada absurdas*, apesar de não serem as ideais, mas sim como as pessoas largam suas vidas, perdem seus estágios, seus trabalhos (havia residentes entre nós) para discutir um agasalho e um jogo universitário, que além dos jogos e das festas tem em sua história alguns fortes momentos de violência, culminando em agressões com "pedras, paus e tijolos". As mesmas pessoas que abandonam tudo para discutir esses jogos se privam de discutir, sua formação, a opressão dos professores sobre os estudantes, a opressão dos estudantes sobre os estudantes, sua carreira, a realidade de seu país e seu papel social nele.

Sim, podemos discutir tudo e temos que defender nossos interesses, e a partir desse ponto de vista a reunião foi legítima e representativa, o problema não é o que discutimos, mas tudo sobre o que deixamos de discutir e de nos interessar. Infelizmente, o mundo não é a Medicina Unicamp (que por muito que insistam em dizer, eu realmente acho que não é uma marca e sim uma faculdade), o mundo real é muito maior e inclui coisas muito mais complexas do que agasalhos, lojinhas, a Intermed, a AAAAL e o CAAL, e nós - Medicina Unicamp - nos privamos de lutar por nosso espaço nele, de lutar por um país mais justo, de lutar por dignidade em nossos locais de trabalho (basta olhar para as condições do nosso hospital e dos nossos espaços de descanso), nem mesmo por uma universidade melhor nós lutamos e continuamos vivendo com a falta de professores disponíveis para dar aulas para a graduação, por tudo isso não nos interessamos, mas lutamos por hierarquias um tanto incompreensíveis e jogos questionáveis.Boa Medicina Unicamp, por comprovar mais uma vez que tudo o que está fora do seu campo de visão não interessa!

* 1. O agasalho só poderá ser encomendado pela gestão do CAAL antes da festa dos 45 anos e só a partir daí poderão ser feitas encomendas pelo restante da faculdade. 2. O valor do agasalho será acrescido de R$ 15,00 para todos os estudantes da faculdade e esse valor será repassado para a AAAAL, exceto os integrantes da gestão do CAAL. Além disso, todos os que comprarem os dois agasalhos (CAAL e AAAAL) não deverão pagar os R$15,00 no agasalho do CAAL.

O COBREM 2008

Marília XLIV

O XX COBREM (Congresso Brasileiro dos Estudantes de Medicina) aconteceu na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS – entre os dias 8 e 15 de janeiro de 2008. Nesse encontro, organizado por centros e diretórios acadêmicos locais e pela DENEM (Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina), é feito para os estudantes planejarem as ações da executiva para o ano. É onde sentamos e pensamos quais problemas precisam ser solucionados e quais nossos objetivos como movimento estudantil de medicina (MEM).

Cumprindo o papel de formar o estudante dentro da executiva e para esquentar o pessoal e dar subsídios para o planejamento, o encontro tem em sua programação mesas, cujos temas esse ano foram "Em Busca de um projeto popular para o Brasil", "Como e para onde os atores se movem?" e "Um projeto popular para a saúde no Brasil"; e oficinas que abordavam assuntos sempre presentes nos debates do MEM como Pró-Saúde, Fundações Estatais, Realidade Brasileira, Exame de Ordem, Conselho Nacional de Saúde e Reuni.

A semana do encontro é recheada de espaços de discussão em pequenos grupos nos quais se desenvolve o planejamento. Este tem várias etapas: elencamos as frentes prioritárias que serão defendidas por nós, como exemplo a Educação Médica; traçamos os problemas que temos a enfrentar dentro dessas frentes; e discutimos onde queremos chegar e quais os meios para atingir nossos objetivos.

Por fim, determinamos atividades e ações práticas a serem desenvolvidas, factíveis, claro, como por exemplo, organização de encontros, realização de campanhas e parcerias, montagem de cadernos de textos e outros. Além disso, há os espaços de plenária em que elegemos a nova gestão da executiva, votamos o próprio planejamento que é desenvolvido e tiramos alguns posicionamentos.

Neste COBREM foram 13 estudantes da Medicina UNICAMP, a maioria eleitos como delegados no fim de 2007: Ale 44, Bruna 44, Dani Magali 43, Isa 45, Lucy Liu 45, Maidane, 45, Marília 44, Paulo Alexandre 45 e Tung 44.

Num comentário breve das mesas, foram boas para formação, pois abrem e procuram aprofundar a discussão acerca da saúde no Brasil, de como o movimento estudantil pode atuar na conjuntura nacional, de como a universidade e as políticas públicas de saúde ainda se omitem frente às necessidades da população brasileira. O espaço da crítica e do debate é bem vindo, ainda mais se considerarmos que trouxe consigo a visão de uma esquerda combativa no Brasil e que é organizado por e para estudantes do curso médico brasileiro. Muitos desses estudantes vindos e inseridos numa classe conservadora, avessa a debate, e que encontram na sua graduação pouca ou quase nenhuma análise crítica da saúde no Brasil e do seu papel político.

Porém, apenas a existência do debate não se justifica. Na construção da mesa, ficou nítida a opção por uma dada visão de uma mesma esquerda, como se não houvesse outras e como se supostamente o MEM fosse homogêneo e já tivesse (e precisasse ter) optado pela sua. O debate deve sempre ir além, optar por uma só crítica tolhe a liberdade do estudante de confrontar idéias e de construir sua própria crítica da realidade.

Já as oficinas, para muitos que estavam lá pela primeira vez ou outros que não tiveram oportunidade de discutir algo em especial, foram momentos de iniciar e melhorar o debate dentro dos temas mais presentes no MEM. Exatamente por ser um momento iniciador da discussão, já que sem esses debates não se faz um bom planejamento de uma executiva de saúde, é que se deve ter mais cuidado ao organizá-lo. Algumas oficinas foram boas, com relatos de boas experiências e conseguiram cumprir sua função. Outras se mostraram desorganizadas, com facilitadores ou sem preparo ou metodologia consistente, ou sem aprofundamento necessário para provocar e manter a discussão.

Nos momentos de planejamento, a idéia é sairmos de um tema abrangente às ações práticas. Durante vários períodos, com uso de uma metodologia específica aprovada no início do encontro, cada grupo trabalha seu tema, procurando tirar propostas e encaminhamentos, sempre com o objetivo de chegar nas ações práticas. Apesar de não ser grande conhecedora de metodologias organizativas, arrisco uma crítica: no decorrer dos dias os grupos formados que debatiam sempre conjuntamente criam uma identidade, vencem uma barreira individual do estudante (não apenas do novato!) de conseguir expor sua experiência, suas dúvidas e chegar a propor algo.

Essa identidade é quebrada na etapa final, quando os grupos são redivididos de acordo com a divisão interna da DENEM. Explico: na frente de educação médica pode sair propostas de atuação tanto para o Coordenador de Políticas Educacionais quanto para o Coordenador de Educação e Saúde, portanto as propostas são divididas e não é mais o mesmo grupo que decide ações práticas subseqüentes, mas sim o novo que não acompanhou todo o processo de discussão. É uma ruptura bem justificada se pensarmos na organização da executiva e nos trabalhos a serem desenvolvidos por cada coordenação, mas que merece crítica e reconsideração se trava o fluxo natural do planejamento e impede que as pessoas vejam de forma clara a conclusão dele.

Outro momento importante são as plenárias. Dentre as funções já ditas, é um espaço com objetivo primário de garantir que as decisões importantes dentro da executiva sejam decididas por todos os presentes. Levando em conta esse peso político, deve ser sempre uma preocupação da executiva e dos organizadores que esse momento não fique desarticulado por problemas na sua organização. Pode-se ver que faltam pessoas preparadas para dirigi-lo, material para que os presentes possam analisar com liberdade o que é discutido, metodologia clara para encaminhamentos e votações, maior debate e esclarecimento a respeito dos posicionamentos políticos e dos rumos que a executiva toma, considerando sim as disputas internas nela. Isso, para que não cheguemos ao ponto de duvidar na legitimidade do espaço, como aconteceu com nossa delegação.

Um espaço de grande discussão e embate político, no qual é difícil compreender o porquê e a origem das disputas internas, certamente choca quem não tem contato com o debate de idéias dentro de sua própria local ou em outros espaços do movimento estudantil. Mas isso de forma alguma é justificativa da inércia de alguns e da opção por votações em bloco e manipulações por outros.

O COBREM é um congresso importante é o início do trabalho da nova gestão e traça os rumos da executiva para o ano. O confronto de idéias é inerente a um espaço onde tudo se deve dar pela construção coletiva. Mas deve ser motivo para enriquecer a crítica pelo movimento, desde que se opte pelo movimento estudantil como ator consciente e negador de vícios maniqueístas.

Uma outra visão

Bianca Nakamura
"O Bisturi" Jornal do CAOC - FMUSP

Entre os dias 8 e 15 de janeiro desse ano, ocorreu em Feira de Santana (BA) o primeiro encontro do Movimento Estudantil de Medicina de 2008. Com a maior delegação do evento, o CAOC contou com expressivos dez delegados que decidiram, em nome de cada aluno de nossa Faculdade, o rumo que será tomado nesse ano pela DENEM (Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina).Para quem não sabe, a DENEM é a representante dos estudantes de medicina do Brasil e congrega os Centros e Diretórios Acadêmicos de todas as faculdades, ou seja, todas as Coordenadorias Locais (CLs). Sua função principal é organizar espaços de reflexão que permitam que as CLs se unam na luta por melhorias no âmbito da formação médica, da Universidade, do Sistema de Saúde e, enfim, na luta pela construção de uma sociedade menos desigual. Discutem-se e são propostas ações para, por exemplo, a abertura indiscriminada de novas escolas médicas, métodos avaliativos integrais nos Exames de Ordem, entre outros assuntos que tocam diretamente a vida dos estudantes de medicina de todo país.

O COBREM é um espaço de planejamento estratégico do ano e o momento de posse da direção eleita. Nesse ano o tema foi: "Em busca de um projeto popular para o Brasil", em que se procurou discutir a construção de uma Universidade e de um Sistema de Saúde populares. De acordo com o caderno de textos oferecido pelo Congresso e as Mesas de debate durante o evento, o termo popular aqui deve ser entendido como classe oprimida que, unida por um ideal, deve compor uma força revolucionária que realmente ameace o capital. Esse foi o tom que regeu os primeiros debates do Congresso, pouco plural em suas opiniões e muitas vezes repetitivo no seu discurso contra o capital financeiro, pouco importando os meios utilizados para se ter essa luta concretizada. Simpatizantes e integrantes do Movimento dos Sem-Terra MST) estiveram presentes em todas as mesas de debate. O MST é tido como o mais bem sucedido movimento popular do Brasil e, por esse motivo, é considerado referência para muitos militantes, principalmente os provenientes das regiões Norte e Nordeste do país. A Escola Nacional Florestan Fernandes do MST (ENFF) foi muitas vezes citada como um modelo promissor e coerente de Universidade Popular, mas tem como objetivo apenas a formação de lideranças dos movimentos populares, em especial o MST. A ideologia da ENFF confronta o sistema vigente e, portanto, não se propõe a formar pessoal capacitado para inclusão no mercado, seja na esfera pública ou privada

Dentro dessa visão de projeto popular, surgem as seguintes questões: Qual o papel do estudante de medicina nesse contexto? Como gerar avanços no ensino médico e no sistema de saúde do país dentro dessa perspectiva? É o velho dilema da esquerda: a escolha entre a adesão às instituições burguesas, acreditando na possibilidade de reformas que gerassem melhorias à população, ou a plena negação do capitalismo. A primeira opção parece já ter sido descartada, atitude esta justificada principalmente pela falência do projeto petista. Os delegados pertencentes à gestão atual do CAOC, em meio à parcialidade gerada pelas mesas do Congresso,sentiram-se temerosos de início e demoraram a colocar as suas opiniões.Entendem que a defesa dos interesses dos estudantes de medicina requer saber ponderar entre as oportunidades eos riscos da globalização. Buscam por soluções práticas, utilizando quando necessárias parcerias com o governo ou com a iniciativa privada, a fi m de promover melhorias no ensino médico e na saúde como um todo. A realização do planejamento da DENEM acontece através do que eles chamam de Momento Normativo, no qual grupos de discussão de 20 a 30 pessoas discutem as Frentes prioritárias. Cada grupo define duas frentes, que são em seguida votadas em plenária.

Após essa etapa, há um Momento Explicativo em que se procura uma explicação sobre o porquê da realidade ser dessa ou daquela forma, buscando identifi car problemas e defi nindo, ao final da reunião, um Nó Crítico. Por fim, em um último Momento Normativo, os grupos identificam aonde desejam chegar (A imagem-objetivo) e o caminho a ser trilhado para alcançar essa meta (As operações). De forma geral, os principais pontos de discussão tiveram como tema a aproximação da universidade com a comunidade, a mercantilização da educação e a politização dos estudantes de medicina que, muitas vezes, parecem estar distantes da conjuntura política em que estão envolvidos. Alguns pontos mais específicos valem ser ressaltados, como o debate acerca de métodos avaliativos, principalmente em relação à avaliação dos egressos de escolas médicas (a exemplo do exame do CREMESP), os problemas enfrentados especificamente por escolas particulares e a necessidade do fortalecimento das CLs com o objetivo de tornar o movimento estudantil realmente forte e representativo. Foi bastante interessante que na Frente em que se discutiu a organização da DENEM, a seguinte operação foi aprovada: "Fomentar a formação política que garanta pluralidade de opiniões". De fato, grande parte dos estudantes não se sentiu contemplada por mesas de debate com discursos radicais, que não enxergavam saídas alternativas dentro do mundo capitalista e se dispunham a pega em armas para derrocada do capital. O planejamento completo de 2008 ainda não está disponível no site da DENEM (www.denem.org.br, mas quem tiver interesse, mande um e-mail para caoc@caoc.org.br.

O mais interessante do encontro, no entanto, é a profunda convivência e a troca de experiências com diferentes culturas nesses nove dias de discussões e festas. Entre as mesas de debates, vez ou outra, havia apresentações como do grupo Afoxé Pomba de Malê e dos repentistas dos Encourados de Pedrão. Em adição a isso, não podemos esquecer que o encontro entre diferentes realidades é o que mais enriquece o Congresso. Pois, apesar das grandes diferenças estruturais entre as faculdades de medicina do sul ao norte do país, e embates políticos e ideológicos a parte, o objetivo de todos eles tende a ser o mesmo: a melhora nas condições de ensino e a defesa de um projeto que realmente venha a beneficiar a população. É um espaço, enfim, que permite um rico debate sobre nosso papel e dever enquanto cidadão, um local em que se nhar e tentar interferir no que consideramos estar errado. Para quem se interessou e também quer participar de outros encontros nacionais, fi que de olho nocalendário da DENEM e nos informes do CAOC!

SPASMO!

Tudo já foi dito

Fabrício Costa(Bambu XLV)

Começo este meu texto com esta misteriosa frase encontrada na primeira edição do livro Caractères de La Bruyère de 1688. A célebre frase "Tout est dit". Será mesmo que tudo já foi dito? Procuremos nos nossos "escuros" e cantos enviesados se as palavras repousam em tranqüilidade e aconchego. Se assim as encontrarmos, talvez tudo já tenha sido dito, ou pelo menos perdeu-se o sentido de dizer.

Outro livro retoma a mesma idéia. The Anatomy of Melancholy de 1621 de Robert Burton relata em uma de suas frases de efeito: "nothing is omitted that may well be said" (nada é omitido daquilo que pode ser bem dito). Mas será que realmente tudo já foi dito? Pergunto outra vez, como fazem alguns professores para arrancar de alguns alunos pouco confiantes mudanças repentinas de posição.

Enfim, o que desejo obter com esta frase tão de supetão inserida no começo do texto é justamente impedir que o dito fique pelo não dito. Explico: é fácil concluir que tudo já foi dito, quando o que se tem a dizer é impalatável, tanto ao ouvinte quanto ao "dizente". Pois é, há palavras que, quando pronunciadas, seja pela aspereza intrínseca delas, seja pela aridez do contexto, são pronunciadas com dor e chegam a sangrar. Dizer, algumas vezes, é um processo doloroso. Um processo no qual muitos mundos se reviram, sobretudo o mundo interno, desprotegido, indefeso que divaga e se aventura pelo mundo exterior, desafiador, ríspido. A transição é traumática. O emudecimento, recompensador.

A quem refute esta frase ao dizer que, na atualidade, tudo está por ser dito. E agora José? Dizer ou Emudecer, eis a questão? Nada disso. Neste mundo em que as paredes têm ouvidos (mas coitados, estão tão cheios de cimento que nem conseguem mais ouvir como os de outrora, sem falar que as orelhas são "de-abano" e precisam de uma intervenção cirúrgica para se enquadrarem aos moldes estéticos vigentes), a questão é a seguinte: mais do que dizer, é preciso fazer-se ouvido. Não mais perdura a impecável equação "fala que eu te escuto". Entre pêlos e atropelos, vivemos de uma maneira um tanto alucinógena: "parece que ouço vozes". Nossos sentidos, divididos entre mil e dois espetáculos, não conseguem dar atenção a quem nos fala da maneira como deveriam. E pior, quando a nós é garantido o direito de dizer, entramos nesta ciranda sinistra e a nós é revogado o direito da escuta. As palavras ditas sem a anfitriã presença da escuta perdem a vida. São vazias de sentido e natimortas.

"Estaríamos fadados, cedo ou tarde, a chegar às profundezas do silêncio total ou ao barulho constante, porém indecifrável?"

O pior ainda está por vir. Ao se perpetuar este engenhoso ritual, não haverá mais diferença entre "tudo já foi dito" ou "tudo está por ser dito" visto que estas posições tão distintas serão irmãs gêmeas univitelinas. Assim, o tango argentino a se dançar seria a música dos Strokes com seu coro melódico: "I've got nothing to say". Estaríamos fadados, cedo ou tarde, a chegar às profundezas do silêncio total ou ao barulho constante, porém indecifrável?

Farei um convite: abremos nossos ouvidos assim como abrimos nossas casas, janelas e portas escancaradas, após longos dias de chuva para que os novos raios de sol dissolvam o bolor e o umedecimento. No começo, ouvir será incômodo, doloroso até em alguns casos, mas com o "calejamento timpânico" seremos mais humanos, tão humanos quanto os pés dos "panhadores" pintados por Portinari, pés que se enraízam e se mesclam com a terra fértil, roxa de suor e sonhos.

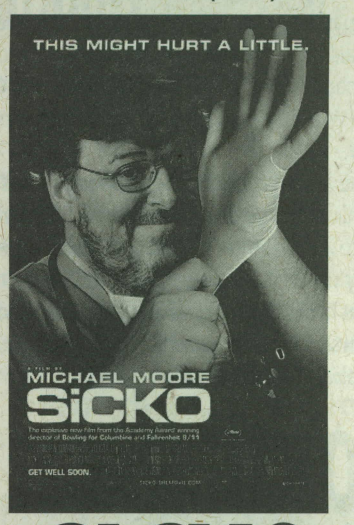
Quem sabe um dia, após o trabalho artesanal das palavras em nossos ouvidos, teremos a capacidade, de assim como as conchas praianas fazer, de um sussuro do vento, ou de uma reminiscência romântica, o som do mar.

Das minúncias a grandiosidade. De nonada o infinito!

PATOCULTURAL FALÁCIAS

Em cartaz

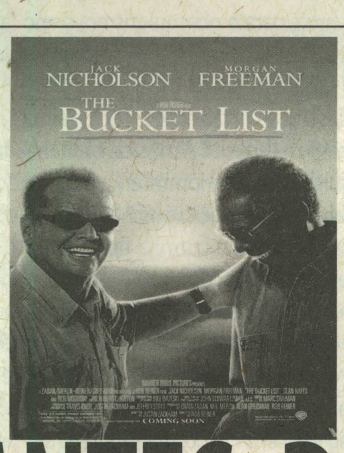
Alessandra(XLIV)



SICKO

S.O.S Saúde de Michael Moore (Sicko, EUA, 2007). Documentário.

O documentário concorreu ao Oscar 2008 da categoria. O diretor de Tiros em Columbine traz à tona o sistema de saúde deficitário dos norte-americanos e os compara com os sistemas de outros países como França, Inglaterra, Canadá e Cuba. A partir disso o filme pode nos fazer refletir sobre nosso sistema único de saúde e sobre como queremos lutar por uma saúde mais justa. Assista bem atento, pois Moore, apesar de todas as suas qualidades, é bem sensacionalista.



ANTES DE PARTIR

De Rob Reiner (The Bucket List, EUA, 2007). Drama.

Edward Cole (Jack Nicholson) e Carter Chambers (Morgan Freeman) são dois homens com câncer em estágio terminal, que fogem do hospital e põem os pés na estrada com uma lista de coisas que gostariam de fazer antes de morrer. O filme também discute um pouco sobre a administração de hospitais e sobre o valor disso para o dono do hospital que se torna paciente dele. Filme para distrair e relaxar, mas que nos mostra como cada pessoa tem sua forma de ver uma doença e como nunca podemos reduzir a vida há alguns dias ou meses.

"Sabe quando você balança e vê que tá duro?"
Paulo 45 referindo-se ao recipiente para suco na reunião da regional.

"Peeeessoal, é trepa!"
Dani Magali na ROEX Vitória.

"Eu não sou menina, eu tenho que dar."
Roger 42 numa conversa com Isa 45 referindo-se ao famoso Coquinho do Carnabeirão.

"Era muito bom, era grande, cilíndrico..."
Spetto 45, fazendo gestos explicativos e se referindo ao formato do picolé que o Tião estava vendendo na Intercalo de 2007.

"Fiquei uma hora e meia alternando posições."
Tati 41 sobre sua astuta maneira de ficar acordada.

"Enfia na bundinha que é melhor"
Flávia XLV referindo-se a tampa do pen drive onde estavam salvos os ofícios para a prefeitura.

"Eu prefiro dar entre amigos do que entre pessoas que eu não conheço"
Osmar (XLI), falando das suas preferências de companheiros de plantões.

"Eu já entrei em cada lugar que você nem imagina"
Zé (XLI), ao entrar no carro num estacionamento apertado.

"A hora em que eu acordei, o celular tava vibrando embaixo de mim.Tava gostoso..."
Larissa (XLI), referindo-se de maneira ambígua ao seu sono e ao vibrador do celular.

"Chupa aí e agradece que foi de graça"
Felipe Martins (XLI) para Marília (XLI), comentando sobre um pirulito recebido de brinde no dia das crianças.

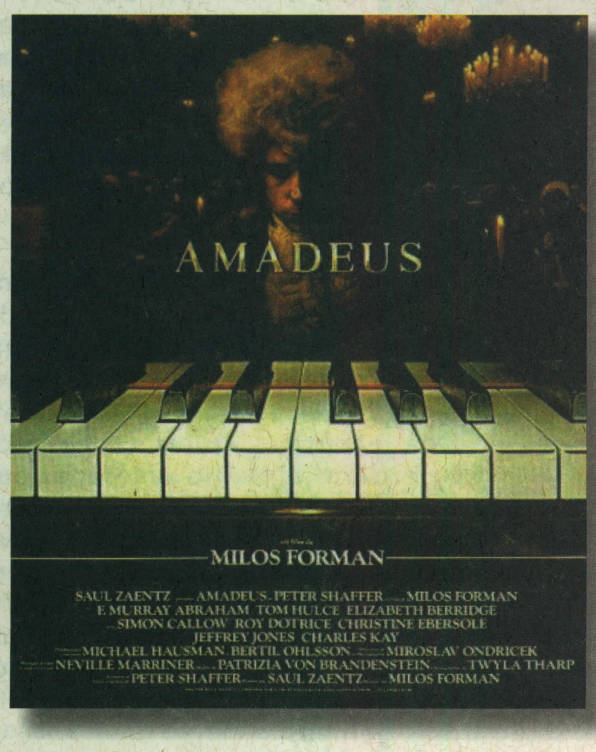
"É que os vagabundos são sempre mais cheirosos"
Marília (XLI) explicando porque os churrasquinhos da rua fazem tanto sucesso.

Amadeus – O homem, o músico, o gênio

Cinebiografia fictícia de um dos maiores gênios da música clássica de todos os tempos

Fernando Henrique (XLV) - Grupo de Estudo de Delfos

"Esse homem compôs seu primeiro concerto aos quatro anos, uma sinfonia completa aos sete e a escala de uma ópera inteira aos 12. Estaria todo esse prodígio estampado em seu rosto?" Com essa fala Antônio Salieri, ilustre compositor da corte do imperador Joseph II da Áustria (irmão de Maria Antonieta), descreve sua expectativa em encontrar Mozart em uma apresentação em Viena. Qual não foi seu espanto quando ao invés de se deparar com um homem sério, sisudo e enquadrado na rigorosa etiqueta européia do século XVIII, encontra uma "criatura suja e obscena engatinhando pelo chão"?



Salieri, depois de ter visto que Mozart não era nada mais do que um adolescente brincalhão, por acidente encontra uma partitura da obra "Gran Partita" no salão da apresentação e descreve: " Na página que olhei...nada! O começo simples, quase cômico. Só um pulsar... Violoncelos, trombones, como se fossem uma sanfona enferrujada. Então, de repente, um oboé... Apenas uma nota fluindo, sem sibilar. Até que um clarinete toca tudo com tanta paixão e luz que o todo se transforma em uma música que eu nunca tinha ouvido antes. Definitivamente, não era a composição de um macaco de circo. Para mim, era a própria voz de Deus."

Porém, junto dessa admiração pela obra de Mozart, Salieri cultivava inveja, ódio e ciúmes, talvez por ser um dos poucos da época que sabiam que Wolfgang ficaria para a eternidade, enquanto que a obra de Salieri talvez fosse abafada pelos meticulosos, únicos e definitivos rabiscos de Mozart no papel de partitura.

Esses sentimentos enlouquecem Salieri, na época o compositor mais famoso da Europa, que trama, junto com outros invejosos da corte vienense, o insucesso de óperas até hoje aplaudidas de Mozart, como "Le nozze di Figaro", "Don Giovani" e " Die Zauberflöte", levando à falência financeira de Amadeus. Mas ainda sim a música de Mozart se mostrava superior a qualquer jogada política e o único modo que Salieri encontrou para abafar os cânticos de "Wolfie" (apelido carinhoso de Mozart) foi planejar a morte dele (fato esse não confirmado pelos historiadores, mas sabe-se que Mozart foi enterrado em uma vala comum e que teve seu velório acompanhado por poucos, entre eles, Salieri. Enquanto isso, o velório de Beethoven foi digno de um velório de um rei).

"Amadeus", ganhador de oito Oscars, é o filme biográfico definitivo de Wolfgang Amadeus (em alemão, Gotlieb, amado por Deus) Mozart, enquanto que Ludwig Van Beethoven já possui dois filmes, mas nenhum a altura da complexidade do gênio. Isso pode ser devido ao fato de que tudo o que uma biografia de Mozart necessita é mostrar as grandes obras do gênio e seu temperamento eternamente infantil, despreocupado e feliz. Afinal, como o próprio Mozart disse uma vez: "Eu sei que sou um homem vulgar, mas minha música... Minha música eu garanto que não é."

Ama de Leite

Allan B. Ferreira da Fonseca, XLIV

"Apesar de não ser um grande entusiasta de projetos ditos assistencialistas, sempre me encontrei no centro de um dilema um tanto cruel neste sentido. Isto porque, ao mesmo tempo em que, essencialmente, me posicionava contra o assistencialismo puro e simples, também não conseguia ficar tranqüilo sabendo que negar minha ajuda poderia significar uma noite sem comida, abrigo ou calor para algum. Por isso mesmo, quando tive a oportunidade de conhecer os objetivos e a beleza do Ama de Leite, aceitei com muito orgulho fazer parte desta idéia. Primeiro, por saber da seriedade e da generosidade das pessoas que encampavam o projeto, segundo porque, apesar de muito humilde nos valores e propósitos, hoje entendo que esta minha colaboração pode representar muito mais que a cota de leite de uma criança doente. Pode ser, quem sabe, a semente e o somente de muitos sonhos, amores e esperanças..."

Diego Funahashi Alves, XLIV "Eu achei a idéia desse projeto incrível. Confesso que estou em uma fase pessimista com relação ao nosso país. Quero viver em uma bolha e esquecer de todos os problemas sociais circundantes, frente minha impotência em solucioná-los. Isso é o que geralmente acontece com pessoas que pensam grande demais. A fim de solucionar os problemas brasileiros, todo mundo tem um palpite. A questão é: para a maioria das pessoas a ação não passa de exercitar os músculos da fonação e proferir esse palpite. Essas meninas perceberam a carência de leite no HC e colocaram o projeto em ação. Isso é uma coisa rara na medicina. A necessidade dos outros, todos notamos. Entretanto, consciência de que isso nos afeta e que podemos fazer algo para atenuá-la quase ninguém tem. Penso que vontade de ajudar muitas pessoas têm. É só olhar o grande número de doadores cadastrados no ama de leite. O que falta é o empurrãozinho pioneiro de criar e iniciar o projeto. Essa iniciativa tem que ser amplamente divulgada na med para incentivar outros projetos a terem vida. Fui ao último churras da 40 com uma camiseta do projeto.Um veterano que o desconhecia perguntou se estava saindo leite dos meus peitos. Eu respondi que quase. Depois, eu fui pensar melhor e percebi que minha resposta reflexa era verdade. Os homens também podem amamentar crianças..."

Marcelo Scarpari (Apache), XLIV "Foi numa terça feira, logo após uma aula no velho IB-01 (sala que, graças a Deus, ficou pra trás!), que fiquei sabendo do Projeto "Ama de Leite". A Paula, da minha turma, estava convidando o pessoal a participar. Sem pensar duas vezes, comecei a preencher a ficha de cadastro.

Desde então, tenho participado de todas as iniciàtivas do projeto e fico MUITO feliz em poder ajudar as crianças (as principais beneficiadas são as do Ambulatório de Pediatria do HC-UNICAMP) e fazer parte deste time.

Alguns podem não saber, mas a carência de leite no país chega a 50%, sendo que as doações de leite atendem aproximadamente 130 mil crianças, apenas a metade do número considerado ideal pelo Ministério da Saúde. Portanto, é muito importante que ajudemos, ainda que com pouco, porque se cada um fizer a sua parte talvez possamos mudar essa triste situação... Então, o que estão esperando?! Procurem, assim que puderem, um dos responsáveis pelo projeto e comecem a colaborar; uma lata de leite por mês não dói no bolso de ninguém e alimenta uma criança carente por semanas. Além disso, posso garantir – colaborar com o projeto é muito gratificante!"

Black Sabbath - O primeiro álbum

Quatro garotos pobres de Birmingham inventam um som pesado dentro do rock and roll: o Heavy Metal

Francisco Barucco (XLV)

É inegável a importância para a música, especialmente para o Rock and Roll, de alguns artistas, bandas e álbuns, os quais acrescentam novas perspectivas ou provocam mudanças significativas nos rumos musicais de sua época. Exemplos dessa importância são nomes como Jimi Hendrix (revolucionando a maneira de tocar guitarra) e Bob Dylan (que acrescentou intelectualidade no rock ingênuo que se fazia em meados da década de 60); bandas como Deep Purple e Led Zeppelin (alicerçando os caminhos mais pesados da década de 70), Metallica e Helloween (criando sub-gêneros do Heavy Metal, o Thrash e o Power); e álbuns como Sgt. Pepper's Lonely Heart Club Band dos Beatles (que acrescentou elementos novos ao rock) e Operation: Mindcrime do Queensryche (que iniciou a união de heavy metal e rock progressivo). Outros exemplos existem mas estenderiam esse assunto, o qual não é o foco principal dessa resenha.

Todo esse contexto tem o intuito de preparar o leitor para o ambiente de mudanças que o álbum tema dessa resenha representa.

O rock and roll tornava-se progressivamente mais pesado ao final da década de 60, mas os temas recorrentes das letras falavam de amor e não violência, embalados pelo "flower power" e o movimento hippie. Nessa época, quatro garotos de Birmingham juntam-se em uma banda, inicialmente chamada Polka Tulk, e posteriormente Earth. Descobrindo a existência de outra banda Earth, alteram seu nome para Black Sabbath, a qual iria mudar para sempre as bases e os rumos do rock.

Com um tempo de gravação de 3 dias e 600 libras de orçamento, tudo o que dá para fazer é gravar tudo ao vivo, em uma tomada. Assim, surge o primeiro álbum sabbathiano, o primeiro álbum de heavy metal da história, lançado dia 13, em fevereiro de 1970, uma sexta-feira (tudo nesse disco convergia para o obscurantismo, como falar que a mulher que aparece na foto da capa surgiu na foto, sem saberem como!)

Mas o que era tão especial nesse álbum? Tudo era diferente e especial. A música, capitaneada por riffs da guitarra de Tony Iommi era a mais pesada já vista (atualmente esse peso é ínfimo comparado a outras tantas bandas!), a cozinha tinha influências jazz e blues, sendo firmemente executada por Geezer Butler (contrabaixo) e Bill Ward (bateria), e a voz de Ozzy Osbourne traz um elemento novo, diferente do que era feito até então. Essa voz diferente se unia a uma temática também pesada, tratando de temas como obscurantismo, religião (sem ser satanista) e magia. É claro que essa temática tinha de ser diferente do que era feito até então. Os quatro membros da banda eram da classe operária de uma cidade industrial, beirando a pobreza; se fosse diferente não soaria tão natural.

Venhamos ao álbum (parafraseando Machado de Assis!).

Logo de início, a música título, Black Sabbath, começa ao som de chuva e de um sino bastante macabro. O riff é bastante pesado, carregado. A letra fala sobre algo como o apocalipse, a chegada do "outro" na Terra. A banda já mostrava a que vinha.

The Wizard vem na seqüência ao som da gaita de Ozzy, mais suave e com tema de magia. Grande música! O refrão é daqueles que se fica cantarolando depois de ouvir. Foi o terceiro single lançado pelo Sabbath e lado B do single de NIB.

Behind The Wall of Sleep é, na minha modestísima opinião, a melhor música do disco. E uma das melhores da história do Rock and Roll. Uma levada jazz de Bill Ward que faz com que as mãos (especialmente no final da canção) procurem bater em algo para acompanhar a bateria. O riff que acompanha os vocais de Ozzy também é sensacional; e simples, como tudo feito no Black Sabbath. Lado B do compacto NIB.

A quarta música retoma o tema obscuro da primeira, com referências demoníacas. É a música mais conhecida do álbum: NIB. Ela é iniciada por um solo (muito bonito) do baixista Geezer Butler. Seus solos de guitarra são bonitos e marcantes. Terceiro compacto lançado (o segundo foi da música Black Sabbath).

Evil Woman (Don't Play Your Game With Me) é um cover da banda Crow. Primeiro single e primeiro material lançado pela banda. Refrão que marca. Boa música comandada pelo baixo de Geezer Butler. Sleeping Village retoma o clima pesado com passagens lentas sob o comando da voz de Ozzy e passagens mais rápidas com todo o peso da guitarra de Iommi. Emendada a ela está The Warning, cover de Aynsley Dunbar Retaliation. É o momento de Iommi com uma passagem de solos gigantesca, completando os mais de 10 minutos da música. Um excelente final para um excelente disco. A versão em CD traz ainda Wicked World no final (lado B do compacto Evil Woman).

Esse álbum chegou a oitava posição nos charts britânicos, e a vigésima terceira na Billboard, vendendo 1 milhão de cópias. É o álbum que cria o heavy metal e modifica todo o rock and roll. De fato, as bases do rock mais pesado se consolidam no álbum seguinte, Paranoid (tão importante quanto o primeiro), mas aí já é outro assunto!

SUDOKU

	5	4		2				9
6						7		3
					9	6	4	5
5			4		2			1
	1		5	8	3		7	
2			9		7			6
8	7	5	2					
1		3						7
4				3		2	1	